A IMAGEM E NÃO-IMAGEM DA CENSURA QUEER

Dossier Primeiro

A experiência de crescer *queer* começa como um manual de como ser invisível. Afirmou Alexander Leon numa publicação *online* que, «como pessoas *queer*, não crescemos a ser quem realmente somos; crescemos a representar uma versão de nós próprie*s* que sacrifica a autenticidade para minimizar a humilhação e o preconceito. A enorme tarefa da nossa vida adulta consiste em descobrir quais as partes de nós que são verdadeiramente nós e quais as que criámos para nos proteger.[1]» Esta invisibilidade é criada através de uma estranheza no modo como nos inserimos no mundo—numa sociedade cisheteronormativa—que recusa quem nós queremos ser antes de o sabermos sequer. Este crescimento gera uma alienação connosco próprie*s* e com quem nos rodeia, um processo que se revela

longo, doloroso e solitário. A importância de nos agruparmos e criarmos uma comunidade que nos une através da nossa marginalização e falta de representatividade é imperativa para nos impormos como humanos dignos de respeito. Não compararemos lutas e, muito menos, ostracizemos quem luta ao nosso lado. A experiência *queer* é tanto única como universal.

A nossa existência, e por consequência, a nossa história também importa. A nossa revolta e as nossas origens são legítimas e devem ser relembradas e celebradas. O panorama melhora para uns e piora para outros, uns direitos são dados e outros são revogados.

Relembremos e celebremos quem foi censurad*e*, esquecid*e* e reescrit*e*, para que a história não se repita.

Façamos parte dela.

4

5







[2]



[3]

[4]





[5]

[6]

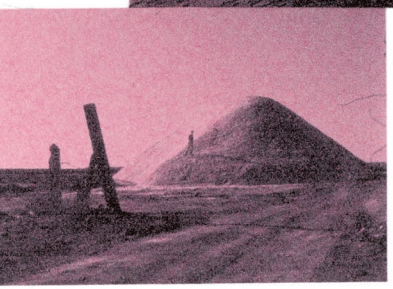




[7]



[8]



[9]



[10]



[11]



[12]



[13]



[14]

[Img. 1]



Todos os poemas que conhecemos de Safo apenas sobrevivem em fragmentos.
O Fragmento 94, como o vemos, é fruto de camadas do tempo. Poder estar aqui neste momento a analisá-lo é, em si, um reflexo do seu tempo.

▲

O poema lê-se:

<<Não estou a fingir; queria
estar morta.>>
Ela estava a deixar-me em
lágrimas,

e repetidamente dizia-me:
<<Safo, dói; o que nos
aconteceu é tão sombrio;
não é minha escolha, juro,
partir assim.>>

Estas foram as palavras com
que lhe respondi:
<<Vai e sê feliz; lembra-te de
mim,
pois sabes como te cortejámos:

e se não, então quero lembrar-te...
e das coisas boas que desfrutámos:

pois ao meu lado, muitas coroas de
violetas e rosas... colocaste em ti
mesma,

e muitas grinaldas tecidas com flores
colocaste em volta do teu pescoço
delicado,

e com quantidades de... perfume
floral... digno até de uma rainha,
ungiste-te por todo o corpo,

e em camas macias... delicadas...
satisfizeste o desejo...>>[2]

[Img. 2]



Busto romano, cópia de um original grego, exposto nos Museus Arqueológicos de Istambul, é, em grande parte associado a Safo, sendo a falta de autoria um fator que influencia esta atribuição. É fácil atribuir retratos femininos da Grécia Antiga (mesmo que cópias exatas feitas posteriormente) a Safo, devido à sua popularidade, por muites considerada a primeira poeta existente na tradição europeia, cuja <<singularidade nesse aspeto, muitas vezes, faz com que ela ofusque as muitas outras mulheres que compuseram textos na antiguidade>>[3].
Portanto, embora seja identificado como um retrato de Safo, é bastante provável que seja, por exemplo, uma representação de Afrodite[4].

[Img. 3]



Quase tudo o que conhecemos sobre Safo é especulativo e academicamente debatido. Nasceu, provavelmente, em 620 a.C. ou 615 a.C. Talvez tenha sido casada com um homem chamado Cercylas e ambos tenham tido uma filha chamada Cleis, batizada com o mesmo nome da sua própria mãe. Até os nomes dos membros da sua família são inconsistentemente registados[5].
Talvez tenha nascido em Eressos ou em Mytilene, certamente na ilha grega de Lesbos.
É aqui retratada ao lado do poeta Alceu de Mytilene, numa ilustração onde ambes parecem tocar um barbiton, instrumento de cordas semelhante a uma lira.

◀ Existe, simultaneamente, a perspetiva da própria passagem do tempo, como uma manifestação de iconoclastia indireta. O rosto de Safo encontra-se desfigurado, a sua identidade foi parcialmente apagada.
Situações semelhantes fazem parte da história, dando-se o exemplo da Grande Esfinge de Gizé, cujo nariz, segundo o historiador egípicio al-Maqrīzī, foi destruído por um sufi, de seu nome Muhammad Sa'im al-Dahr, como protesto a atos de devoção por parte de camponeses egípcios à grande estrutura. Sa'im al-Dahr terá sido executado por atos de vandalismo[6].

[Img. 5]



A admiração da sociedade romana por Safo era tanta que se cunharam moedas, datadas do século II, com o seu retrato num verso e um barbiton no outro.

[Img. 4]

Outra pintura, um fresco sobrevivente de Pompeia, que representa uma mulher com um estilete e uma tábua de cera. Demonstrações de estatuto e educação em pintura já datam desde a Antiguidade Clássica. A imagem de uma mulher grega anónima, presumivelmente instruída, é facilmente (mesmo que erroneamente) atribuída a Safo.



[Img. 6]



Pintura a óleo de 1877, por Charles August Mengin. Durante a era vitoriana, Safo era comummente representada como uma figura de desejo, que devido à sua alegada prostituição em vida, via o seu retrato tomar proporções relativamente mais pornográficas do que representações da Antiguidade[7].
Segundo a conferencista e investigadora Thalia Allington-Wood, <<esta mulher é, sem dúvida, apresentada como um ser sexual. A cor das suas vestes e o seu comportamento controlado sugerem experiência, em vez de inocência. Algo que é reforçado pelo seu ato iminente de saltar ou cair num abismo, que era visto no século XIX como representando um desmaio ou a experiência de alívio sexual. Em muitos aspetos, esta é uma pintura feita por homens e para homens, sendo os elementos pornográficos da imagem inevitáveis. Recebemos um convite direto para apreciar o seu corpo exposto, com as referências clássicas a legitimar a sua nudez.[8]>>



[Img. 7]

Safo é, aqui, representada ao lado de Erinna, poeta sua contemporânea, nesta que é uma particularmente intrigante exploração da pintura pré-Rafaelita na obra do artista Simeon Solomon. Na aguarela datada de 1864, destaca-se a linguagem corporal de desconforto e recusa por parte de Erinna «(...) não por falta de desejo, mas porque, talvez, Safo não esteja realmente presente fisicamente, e sim espiritual e metaforicamente.», reflete Natalie Pretzman[9].

Pensando na expressão artística como canal de superações pessoais, esta pintura poderá ser lida como um meio para lidar ou superar as próprias ansiedades do artista, sobre a sua sexualidade e o seu lugar na estratificação social. Resistência em tempos de opressão.

▲

A jornada pessoal de Simeon Solomon na exploração do amor *queer*, ao que ele chama «amor divino» inicia-se a partir de 1871, ano em que escreve *Uma Visão do Amor Revelada no Sono*, um poema em prosa, que inicia um período de produção de centenas de pequenas obras realizadas ao longo de 33 anos, que «revelam uma complexa mitologia privada de ideias que abrange uma mistura espiritual de judaísmo, catolicismo, budismo e mitologia grega»[10].



[Img. 8]

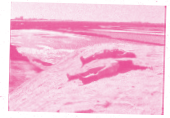
Na mesma lógica de expressão artística como reflexo de uma superação pessoal, a obra *INSERT*, de Filipa César espelha uma homenagem às mulheres lésbicas, vítimas do Estado Novo português. São poucos os testemunhos de identidades *queer* durante este regime. Castro Marim foi um dos principais destinos de degredo e trabalhos forçados, vila conhecida pela sua produção de sal. Duas mulheres lésbicas que, não só sobrevivem durante um regime opressor que as obriga a trabalhar forçosamente, mas que resistem nestas circunstâncias e exploram um desejo e atração primais, pelo qual estão a ser punidas. Segundo a artista, *INSERT* reflete «a tradução do pecado em sal»[11].

Nesta imagem e na anterior vemos dois retratos de duas mulheres num recorte de um momento íntimo e carnal. Em ambas, uma das figuras apresenta uma distância física que pode ser emocional e involuntária. Um reflexo de medo ou mera suspensão de descrença?

[Imgs. 9↔14]

Filipa César estabelece a ligação entre a experiência *queer* de viver à *margem* com o posicionamento geográfico de Castro Marim como «vila-*fronteira*», inscrevendo o carácter simbólico da invisibilidade e da proibição[12] nesta relação *entre* uma margem e outra, *entre* o corpo e a paisagem. A montanha de sal é um obstáculo que se torna palco do desejo.





A *margem* é explorada tanto metafórica como diretamente ao longo da obra [img. 12] e tem particular impacto no que se refere ao desejo lésbico. No decorrer do filme, «as duas personagens femininas [...] deambulam pelo espaço, traçando uma geografia do desejo, desenham-se corpos que se confundem um no outro e nos montes que habitam e que se transformam na sua passagem[13].»

Para começar

As lésbicas portuguesas estão isoladas. Sobre isso parece não haver desacordo. Que fazer? Tanto a fazer, por onde começar? A impotência tem limites, um sítio por onde começar é fazer (ler e escrever) uma revista.

Somos tão diferentes, algumas têm muito dinheiro, outras não sabem como hão-de pagar as contas, umas são pálidas, outras são de côr, umas são assim, outras são assado, onde acabaria a lista das nossas diferenças? Mas alguma coisa temos em comum e talvez não seja apenas aquilo a que nos obrigam. Muitas vivemos no silêncio, todas vivemos no ruído alheio, por vezes ensurdecedor.

Nós que queremos levar avante a revista temos muito bem a noção das nossas diferenças. Mas também sabemos da nossa comunalidade. E onde uma noção entrecorta com a outra, ambicionamos contribuir para um espaço onde se possa começar a criar - para e entre as lésbicas - aquilo a que alguém já chamou uma *comunidade de conhecimentos*, sabendo bem que os factos que se conhecem e a maneira como se conhecem divergem de pessoa para pessoa.

É por tudo isto que ambicionamos que colabore. Não é querer pôr palavras na sua boca, mas achamos que há áreas que interessam a todas as lésbicas. Já tivemos depoimentos sobre as mães, o viver-a-duas da gente. Queríamos mais sobre esses temas. Vá lá, escreva. E já agora, também queremos saber dos pais que tivemos e, vai-se lá a ver, amámos - ou talvez não. Escreva, o único problema é o espaço, que coisas a dizer não faltam. Neste número de *Lilás* há dois pedidos muito concretos de colaboração. Puxe do papel e da caneta, responda.

Adelaide
Helena P.
Luisa T.
Mariana
Maria Josefina S.
Vitória S.

1

DISCRIMINAÇÃO ENTRE HOMOSSEXUAIS?!



Por estranho que pareça, e ilógico que seja, o preconceito entre homossexuais é uma realidade. Segundo a minha própria experiência e a de outras lésbicas com quem tenho conversado, é com frequência que somos alvo de discriminação por parte de homossexuais masculinos. Tomemos como exemplo disto um comentário de um homossexual que me foi relatado há dias.

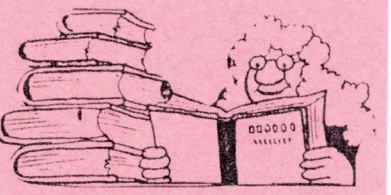


Dizia o homem:

- Estou a reparar que cruzas as pernas quando estás sentada. Tens a certeza de que és mesmo lésbica a 100%? É que não deves ser, porque as lésbicas ficam de perna aberta.

Este exemplo ilustra apenas a ignorância, mas esta faz-se geralmente acompanhar de denominações depreciativas para a designação da mulher homossexual, tais como "galinha", "machona", "mulher-homem", entre outras. Haverá uma certa dose de complexo de inferioridade (camuflado por uma postura de soberba) dos homossexuais masculinos face às lésbicas - e, se o há, porquê? - ou tratar-se-á apenas de um desejo extraordinário em serem os únicos titulares da designação "homossexual"? Se a sua maior parte disforma e discrimina as suas aliadas de luta, que moral possui para se queixar de discriminação social ou para ostentar campanhas de sensibilização à causa gay?!

Cristina - Olhão
1998.04.04



Temos vivido com medos enormes, medo pelos nossos direitos, apreensão pelos nossos empregos, pavor de perder as nossas queridas e ás vezes de perder a vida. Agora já não podemos admitir mais esta esquizofrenia diária que não nos permite viver total e intregamente. O sair da concha é um passo no caminho de uma maior integração. é uma prova de que os nossos medos e a paranoia de sermos derrotadas por aquilo somos. Agora podemos conduzir-nos através de relações mais plenas, mais sinceras e de maior satisfação.

gay

Tenho uma vida normal como qualquer mulher

ENTREVISTA

Manuel Rodrigues dos Santos (conhecido como "Marina Star") tem 40 anos e vive em Angra do Heroísmo há mais de 19. Afirma que nasceu homossexual e que desejava ser mulher, embora, nesta idade, já não sinta forças para se submeter a uma operação. Aponta o dedo aos homossexuais da Terceira por demonstrarem falta de união. Defende ainda que todos deveriam assumir a sua escolha e organizar, entre outras coisas, festas gay, à semelhança das que se realizam no Continente...

Há quanto tempo é gay?
Tive a minha primeira experiência aos oito anos, com um colega de escola, mas já nasci homossexual. Sempre me senti assim.
Foi muito difícil assumir esse sentimento?
Para mim não. Foi mais difícil para os meus pais.
Que idade tinha quando lhes contou?
Aos catorze anos contei à minha mãe. Afinal de contas, passava a vida a brincar com bonecas. Portava-me como uma mulher e não conseguia disfarçar.
E o seu pai? Quando soube?
Mais tarde...
Reagiram bem à situação?
A minha mãe sim. O meu pai e o meu irmão nem por isso...
Como assim?
Disseram-me que era doente! Só bastante mais tarde é que se conformaram. Entretanto, mudei-me para Angra a fim de cumprir o serviço militar e obtive alguma independência. Correu tudo bem. Passei a conhecer a vida na cidade, com a qual não tinha muito contacto, por ter sido criado na freguesia de Santa Bárbara.
Continua a viver em Angra ou regressou a casa?
Não regressei. Vivo na cidade há dezanove anos.



Que mudanças tem vindo a verificar em termos de mentalidade social, no que diz respeito aos gays?
Não existem muitas. No entanto, não me posso queixar, porque sou muito bem tratado e todos me respeitam. Levo uma vida normal, como qualquer outra mulher.
Como mulher?
Sim. Adorava ser mulher.
Nunca pensou em fazer uma operação?
Isso seria tornar-me tudo o que sempre quis ser! Se fosse mais novo, era natural que tentasse. Mas na minha idade...
Sente-se menos feliz com o corpo que tem ou consegue lidar com isso?
Consigo, mas se fosse uma mulher sentia-me mais feliz, sem dúvida nenhuma.
É difícil para si manter uma relação amorosa?
É muito difícil, principalmente por causa dos enredos e das invejas.
Os gays na Terceira são muito conflituosos?
Sim. Não estamos unidos porque "umas" não gostam que as "outras" sejam felizes.
Acha que essa falta de união pode ser uma das causas que dificultam a aceitação dos gays nos Açores?
Acho. Nos Açores, nem sequer temos uma festa, como acontece no Continente. Devíamos unir-nos e fazer festas. Até porque há imensos gays, embora muitos não se assumam...
Já esteve em S. Miguel?
Não, mas gostava de lá ir, até porque tenho muitos amigos que me convidam.
Não sente vontade de ir para o Continente?
Não. Gosto muito de Angra e não me imagino a viver noutro sítio.
Não sente falta de um companheiro?
Não sei. Conheço mal a realidade das outras ilhas.
Alguma vez teve uma relação fixa com outro homem?
Sim. Tive uma relação que durou dois anos.
E com mulheres?
Não.
Porquê?
Porque não sinto nada por elas. Nem vale a pena tentar.
Que diferenças nota entre uma relação hetero e homossexual?



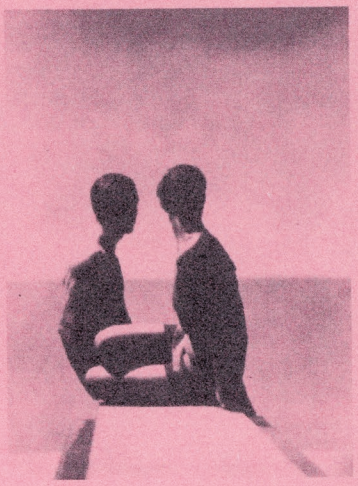
Não sei. Acho que o amor entre dois homens é mais forte do que o amor de uma mulher. O entendimento é mais fácil.
Porquê?
Porque a relação entre gays aguenta-se melhor, é mais sincera. Sempre ouvi dizer que o amor entre gays era mais forte e seguro.
Trabalha?
Sim, sou mulher a dias.
Foi sempre bem tratado?
Sim. Não tenho razão de queixa. Sou muito bem tratado em Angra, onde todos me conhecem como "Marina Star".
Uma vez que a sociedade terceirense tem fama de aceitar a homossexualidade e você afirma nunca ter sido discriminado, porque razão a maior parte dos seus colegas tem medo em dar a cara?
Porque não assumem o que são perante a sociedade.
Que razão justifica essa recusa?
Insistem em ser "homens".
Há muitos gays em Angra?
Sim, muitos.
Acha que a sociedade na Terceira foi sempre tão aberta?
No princípio era muito difícil, porque existia, de facto, alguma discriminação. Depois do 25 de Abril é que as coisas melhoraram.
Existem discotecas gay na Terceira?
Não. Já existiram alguns espaços, mas fecharam.
Porquê?
Porque certas pessoas não aceitavam.
De que forma acha que os gays se podiam organizar?
Acho que devíamos fazer, pelo menos, uma festa gay anual. E acho que deveria existir um bar onde pudéssemos conversar.
Concorda com o facto dos gays adoptarem crianças?
Não, isso não.
Porquê?
Porque as crianças serão infelizes.
Como assim?
Os colegas comentam e estranham o facto deles terem dois pais do mesmo sexo. É inevitável

gay S & Lésbicas

A sociedade vê os homossexuais como "bichas"

ENTREVISTA

X tem 36 anos. Y tem 26. Vivem juntos há pouco mais de doze meses. Preparam-se para gozar as regalias da nova lei, que permite a união de facto entre cidadãos do mesmo sexo. São indivíduos serenos, lúcidos e contrariam a ideia feita de que os homossexuais são pessoas instáveis. No entanto, recusam dar a cara e o nome, para evitar represálias ou discriminações. Aqui fica o exemplo de um casal gay, perfeitamente adaptado às normas sociais...



Há quanto tempo vivem juntos?
X - Decidimos morar juntos há um ano. Mas, antes disso, já namorávamos há dois.
Foi a vossa primeira relação duradoura?
X - Já tinha tido outras, mas nunca vivi com ninguém.
Algum dos dois teve relações com mulheres?
X - Sim, uma vez. Mas não senti prazer nenhum. A partir dessa altura, passei a assumir apenas relações homo.
Y - Fui casado com uma mulher durante nove anos.
Quais as principais diferenças entre o seu casamento e a relação que tem com X?
Y - A nossa relação é mais franca, mais verdadeira. A entrega mútua que existe entre nós é maior do que entre heterossexuais.
Porquê?
Y - Não sei, mas é diferente. A relação com a minha mulher era muito fria. Com X, as coisas passam-se exactamente ao contrário.
O facto de ter influências homossexuais contribuiu para a frieza na sua relação hetero?
Y - Não, porque quando descobri que era homo, já estava casado há seis anos. Até então tinha uma vida perfeitamente normal.
Como é a vossa vida quotidiana em casa?
Y - Partilhamos tudo e ajudamo-nos mutuamente em todas as tarefas domésticas. De resto, sempre fiz o mesmo com a minha mulher.
Não assumem a vossa relação. Porquê?
X - Nós assumimos a nossa relação um com o outro e só não a evidenciamos, fisicamente, perante a sociedade. No entanto, existe cumplicidade entre nós, mesmo quando nos encontramos em espaços públicos.
Não sentem necessidade de andar de mãos dadas, por exemplo? Entre os homo, é um acto absolutamente inocente...
X - Não é fundamental e não o fazemos para não chocar. Não é comum este tipo de contacto público entre dois indivíduos do mesmo sexo, na nossa sociedade. Trata-se mais de uma questão de justiça. Era importante que os gays pudessem, como todas as outras pessoas, expressar o amor que sentem.
O que está disposto a fazer para mudar este preconceito social?
X - O que fiz foi assumir-me e aceitar-me como sou. Só assim consigo co-habitar na sociedade e aceitar as suas regras.
E se perguntarem?
Y - Digo-lhes que a minha vida pessoal não lhes diz respeito.
X - Os hetero não têm que evidenciar a sua escolha sexual. Porque havemos nós de o fazer, principalmente perante pessoas que não conhecemos de lado nenhum?
Nenhum de vocês, pela vossa postura, se sente na "obrigação" de melhorar a sociedade...
X - Indirectamente, já estou a contribuir para que a sociedade mude, a partir do momento em que me assumo perante mim mesmo e reajo de forma natural.
Mas está a continuar com a hipocrisia...
X - Talvez, mas vou mudando a sociedade com o meu comportamento. A questão é que a sociedade está acostumada a ver os homossexuais como "bichas", como efeminados. Não como pessoas que trabalham, cumprem os seus horários, pagam os seus impostos e se comportam dentro das normas sociais. E nunca como cidadãos que se sentem bem consigo próprios.
Tem filhos, Y?
Y - Tenho um, de seis anos.
Ele sabe que é homossexual?
Sim, a mãe contou-lhe.
Que tipo de relacionamento mantém com a sua ex-mulher e o seu filho?
Y - Damo-nos muito mal, porque ela nunca aceitou a separação e a partir do momento em que assumi o facto de ser gay, passou a impedir-me de estar com o meu filho. Deixou de me considerar um bom pai.
Se ganhasse a custódia do menino, vocês aceitariam criá-lo juntos?
Y - Já falámos do assunto. Sim, claro.
Mas sabe que, por ser homossexual, o juiz pode decidir não lhe dar a custódia?
Y - Em tribunal, ninguém consegue provar que sou gay. Posso perder o direito ao meu filho, mas por outras razões. Tenho conhecimento de casais homossexuais que ficaram com os filhos!
Discute esse assunto com o seu filho?
Y - Não. Falamos de muitas coisas, mas ainda não tocou no assunto, porque ele tem apenas seis anos e pode fazer-lhe confusão.
Já foram vítimas de discriminação?
X - Sim. Aos dezasseis anos andava num colégio particular. Quando descobriram que era homossexual, fui afastado e internado num centro de recuperação para toxicodependentes, onde estive durante quatro meses...
Depois de Y se divorciar, pensam viver em união de facto?
X - Sim. Temos alguns bens em comum e queremos resolver a nossa situação.
Já pensaram em casamento?
X - Não sentimos necessidade... E achamos que isso seria mais um ponto de discórdia e preconceito para a sociedade.
Não acham que é preciso lutar contra estes preconceitos e diferenças?
X - Só o nosso comportamento social pode modificar as coisas, de uma forma positiva. Embora este seja um processo lento por natureza.
Acham que as pessoas não devem ser confrontadas com os seus preconceitos?
X - Não, tem de existir confronto, não apenas no que diz respeito à sexualidade, mas também a uma criança, deve ter o mesmo direito que os hetero. O facto da criança viver com dois homens não implica que ela deixe de ter contacto com o sexo oposto, ou que se torne homossexual. Nós fomos criados com pais heterossexuais e isso não influenciou a nossa escolha! O mais complicado seria enfrentar o risco da criança ser marginalizada, por se encontrar numa situação diferente e pouco comum em relação, por exemplo, aos colegas de escola.

[Img. 15]

«Para começar. As lésbicas portuguesas estão isoladas.»

Abre assim, a junho de 1993, a segunda edição da Revista Lilás, publicação lésbica portuguesa. A necessidade para a criação de uma publicação como meio de mobilização para uma comunidade identifica aqui uma invisibilidade acrescida que não era sentida por homens gays na mesma época.



[Img. 16]

Carta à revista Zona Livre, n.º5. Maio de 1998. *«(...) Haverá uma certa dose de complexo de inferioridade (camuflado por uma postura de soberba) dos homossexuais masculinos face às lésbicas—e se o há, porquê?—ou tratar-se-á apenas de um desejo extraordinário em serem os únicos titulares da designação «homossexual»? Se a sua maior parte disforma e discrimina as suas aliadas de luta, que moral possui para se queixar de discriminação social ou para ostentar campanhas de sensibilização à causa gay?!»*



[Img. 17]

A primeira publicação assumidamente LGBTQIA+ em Portugal foi uma zine lésbica autoeditada, a revista Organa, que publicou entre 1990 e 1992. Apesar de ter adotado uma estratégia assimilacionista durante a maior parte da sua existência, Ana Maria Brandão e Tânia Cristina Machado defendem que a Organa promoveu a mobilização política das lésbicas portuguesas, afirmando-a como exemplo do percurso fulcral do ativismo lésbico em Portugal[04].

Estas que são vistas como as primeiras mulheres lésbicas portuguesas a difundir uma consciência política dentro do país, voltaram-se para experiências e vivências além fronteiras para criar canais de relação com outras lésbicas.



As páginas destas publicações, para além de notícias e realidades do mundo lésbico, constituíam espaços de participação, colaboração e partilha de experiências entre as suas leitoras, semelhante a um diário coletivo, onde falavam abertamente, entre muitos outros assuntos, sobre constrangimentos de discriminação dentro da comunidade LGBTQIA+ e de afirmação identitária diária e construção de redes de apoio, com o objetivo de criar e promover um sentimento de pertença.



[Imgs. 18↔19]

A palavra «gay» foi sinónimo da comunidade LGBTQIA+ num todo durante décadas. A revista Gay passou a intitular-se Gays & Lésbicas (com uma curiosa adição gráfica) entre os números 18 e 19, em maio de 2001.

I want a dyke for president. I want a person with aids for president and I want a fag for vice president and I want someone with no health insurance and I want someone who grew up in a place where the earth is so saturated with toxic waste that they didn't have a choice about getting leukemia. I want a president that had an abortion at sixteen and 22
I want a candidate who isn't the lesser of two evils and I want a president who lost their last lover to aids, who still sees that in their eyes every time they lay down torest, who held their lover in their arms and knew they were dying. I want a president with no airconditioning, a president who has stood on line at the clinic, at the dmv, at the welfare office and has been unemployed and layed off and sexually harrassed and gaybashed and deported. I want someone who has spent the night in the tombs and had a cross burned on their lawn and survived rape. I want someone who has been in love and been hurt, who respects sex, who has made mistakes and learned from them. I want a Black woman for president. I want someone with bad teeth ~~and an attitude~~, someone who has eaten ~~that nasty~~ hospitaI food, someone who crossdresses and has done drugs and, been in therapy. I want someone who has committed civil disobedience. And I want to know why this isn't possible. I want to know why we started 23
learning somewhere down the line that a president is always a clown: always a john and never a hooker. Always a boss and never a worker, always a liar, always a thief and never caught.



[21]

Foto

is always a clown: always a john and never a hooker. Always a boss and never a worker, always a liar, always a thief and never caught.

774 18

lgbt_history Zoe Leonard's "I Want a President," which, to many, represents the queer community's feelings of desperation and underrepresentation at the height of the AIDS era, has been pulled from our account three times in the past twenty-four hours.

In two years of @lgbt_history, we've not faced this kind of inexplicable bullshit. We're angry. But, we've counted at least 120 reposts of the poem (some of which you can see in our story), and we're sure we've missed quite a few.

We know this post will be gone soon, but Zoe Leonard's words go on forever.

Shame on you, @instagram.

"I want a dyke for president. I want a person

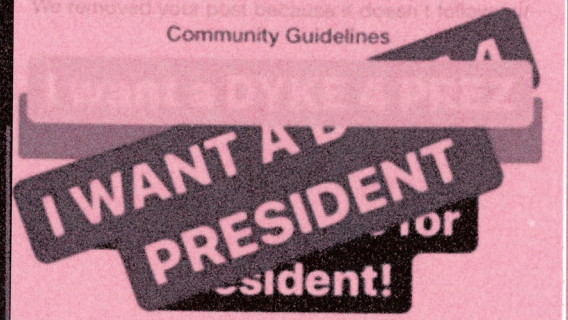
[22]

T-Mobile 11:28 PM 71%

Instagram

Your Post Has Been Removed

We removed your post because it doesn't follow our Community Guidelines



[23]

Instagram Search

#lesbian

No posts yet.

[24]



[Img. 20]

Poema entitulado *I want a president*, da artista americana Zoe Leonard. *Este texto foi escrito como reação à candidatura independente da poetisa Eileen Myles, amiga de Leonard, à presidência dos Estados Unidos da América, em 1992.*

Na sua candidatura, Myles identificava-se abertamente como uma «candidata mulher», numa época em que George W. Bush deixou claro que as mulheres, as minorias e os ativistas deviam limitar a sua liberdade de expressão[05].

O poema de Zoe Leonard representa a urgência e a fúria de uma população e de uma comunidade que assistia em tempo real à história de uma nação a regredir na sua conquista de direitos e de liberdade. Ironicamente patriótico, I want a president satiriza o «sonho americano» e despe-o de preconceito. Ume presidente que (sobre)vive à margem e que conhece a sua nação, a sua população e os problemas que esta enfrenta.

Num panorama como o americano pós-epidemia do HIV, a linguagem perante injustiças sociais só se tornou mais agressiva e urgente, um apelo à ação, uma recusa à norma social—uma pessoa de privilégio socioeconómico nunca deveria chegar a presidente, ume cidadãe nunca deveria aceitar ter uma pessoa com privilégio socioeconómico a representá-le. Saiemos à rua!

Sejamos mais agressives! Não nos contentemos com menos!

Ser queer é reivindicar!



[Img. 21]

Mykki Blanco recita o poema *I want a president* para um vídeo da revista Dazed. Artista de música, performance e ativista trans, Blanco é, assumidamente, seropositivo desde 2011.

Em 2015, através de uma publicação na rede social Facebook, Blanco revelou «*Fuck stigma and hiding in the dark, this is my real life. I'm healthy I've toured the world 3 times but I've been living in the dark, it's time to actually be as punk as I say I am.*»[16]

▲

A jornada de Mykki Blanco com género tem sido particularmente movimentada. Após se assumir publicamente como trans, já navegou entre pronomes femininos, neutros e, mais recentemente, em 2026, masculinos. É referido numa entrevista com a Office Magazine com os pronomes ele/dele[17], no entanto, a sua identidade como pessoa transformativa e que continua a desafiar os papéis de género não pode ser invalidada.

Numa publicação na sua conta de Instagram pessoal a 17 de janeiro de 2026, Blanco partilhou →

I don't speak often about my personal life on here anymore but everyone who's been a friend and a fan since I came in the game at 2012 has followed my journey. One thing that I did wanna say is that my whole thing has never given "de-transition" narrative. When I was 25 my soul called out to experience the spiritual balance of female and male beyond what I had lived as an effeminate queer child. What began as a character was in actuality a realization of self. Assholes would chalk it up to a phase to justify their agenda. When that skin no longer fit I did feel trapped for a bit because in the public sphere I wondered if it would feel as if somehow I had betrayed the sisterhood and I battled with that for a long time until one of my close sisters told me "Girl no matter what you look like WE KNOW your one of the girls" ❤

[25]



[Imgs. 22↔24]

Em 2022, trinta anos depois da primeira divulgação de *I want a president*, a página do Instagram @lgbt_history vê uma publicação sua com o poema apagada pela rede social. Poderá ter sido uma norma de «segurança» por parte do Instagram ao identificar as palavras dyke ou fag na imagem? Poderá ter sido pura censura?

Segundo uma reportagem no website Quartz, a censura do Instagram parece, muitas vezes, «arbitrária». Imagens que contêm nudez masculina bastante explícita mantém-se, na grande parte das vezes, sem serem censuradas. «O poema de Leonard, por sua vez, já tinha sido publicado no Instagram várias vezes no passado, especialmente depois de ter sido exibido como uma instalação pública no parque High Line, em Nova Iorque, em 2016.[18]»

Every woman
in
in my family
looks like a
dyke, but it's
really stepping
off the flag
when you become
one.

Excerto do poema *An American Poem*,
da poeta americana Eileen Myles.


10 ANOS DE TRANSFORMA-
INSURGÊNCIA QUEER SEMPRE



[Img. 26]

O Observador está há dez anos contra a transformação social --- há dez anos do lado do capital---há dez anos comprometido com a transfobia, o racismo, a xenofobia---há dez anos a negar a crise climática---há dez anos a normalizar o fascismo.

Perante dez anos de ataques, declaramos:
INSURGÊNCIA QUEER!

Ontem, na noite de aniversário do Observador, um grupo de ativistas transfeministas opôs-se à suposta imparcialidade em que os meios de comunicação existem. Perante a conclusão de que os media não são menos do que instrumentos ao serviço do capital, cúmplices na guerra contra as comunidades marginalizadas, declaramos:

ESTAMOS CONTRA QUEM ESTÁ CONTRA NÓS!

Há anos que o jornal digital serve de porto de abrigo às vozes mais transfóbicas e reaccionárias da sociedade portuguesa. Destacando-se as crónicas e emissões de nomes como José Manuel Fernandes, Inês Helena Matos, Maria Helena Costa, José Diogo Quintela, entre outros, o Observador tornou-se a plataforma de eleição para um tipo de comentário que se faz servir da crítica ao politicamente correto para propagar o desprezo e a desinformação sobre vidas sobre as quais sabe muito pouco.

O uso ignorante de termos que não existem, o recurso a "fait divers" noutros países como sentenças da transsexualidade contagiosa por vir, ou a arrogância de presumir entender o que deve fazer um movimento ao qual são completamente alheios podiam ser apenas idiossincracias de uma comunicação social profundamente alienada à transformação social.

E, no entanto, o que constatamos é muito mais perverso: é a propagação de discursos de ódio sobre comunidades marginalizadas---trans, queer, negras, imigrantes, pobres---a uma audiência de mais de dois milhões que, se não se sentia autorizada a desprezar abertamente, passa a poder fazê-lo sob o aval destes especialistas respeitáveis. E a gerar tráfico, e a aumentar os números, e a alimentar a máquina que pede mais ódio.

O ocasional artigo benévolo sobre os direitos LGBTQIA+ não é senão uma esmola dissimulada, já que vai apenas provocar mais engajamento enfurecido.

O Observador, enquanto plataforma de discursos de ódio disfarçados de meras inquietações sobre o politicamente xxxx incorreto, é responsável pela subida ao poder da extrema-direita e do pico de crimes de ódio que testemunhamos neste momento no país.

O Observador legitima o pânico em torno da "ideologia de género" e da endoutrinação das crianças nas escolas. O Observador serve-se do conservadorismo e do medo--- que não são mais do que uma distração infeliz, dolorosa e até mortífera, da crise que nos destrói a TODES--- para gerar cliques e cantar os parabéns.

O ódio começa nas páginas dos jornais
e acaba com a nossa morte.
Jornalistas ao serviço do xxxi ódio
e do capital
têm sangue
nas mãos.

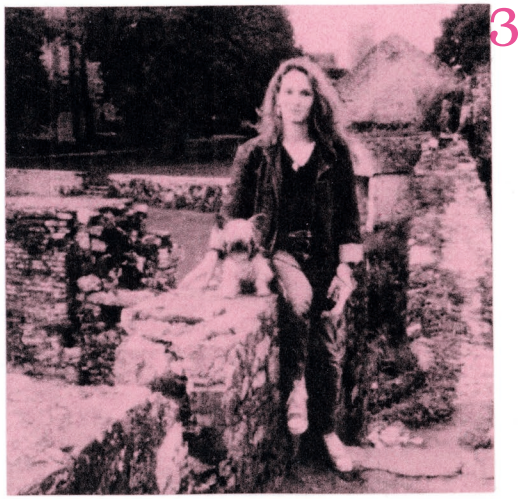
Não esquecemos,
nem perdoamos!

▲

Descrição original da publicação feita pelo grupo União Libertária, através da rede social Instagram, na noite de 20 de maio de 2024ⓘⓟ.
Não há muito mais a adicionar a estas palavras.



[27]

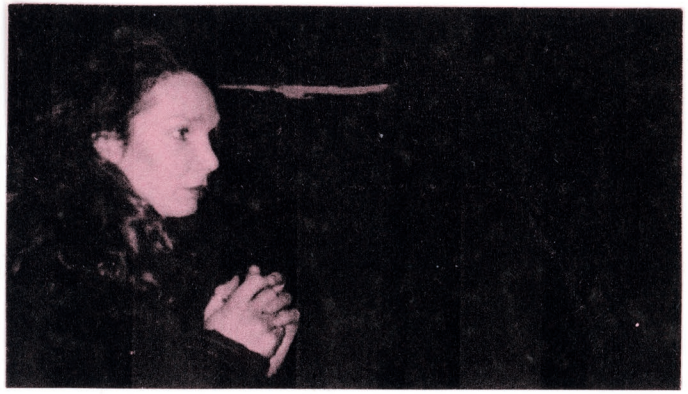


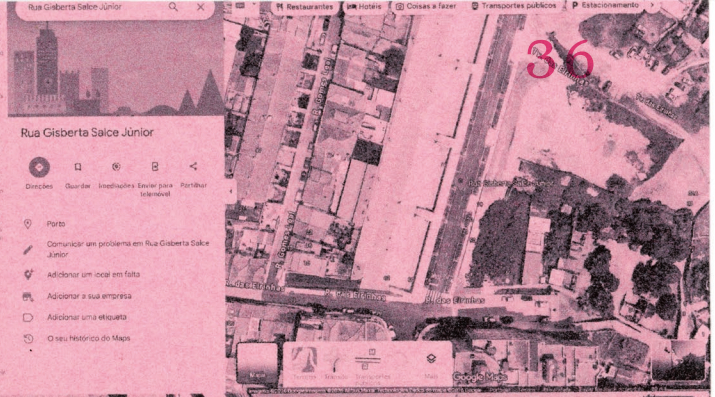
[29]



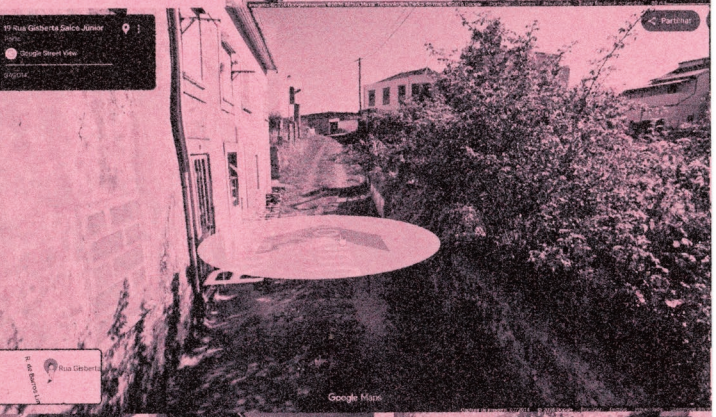
[30]

[28]





[31]



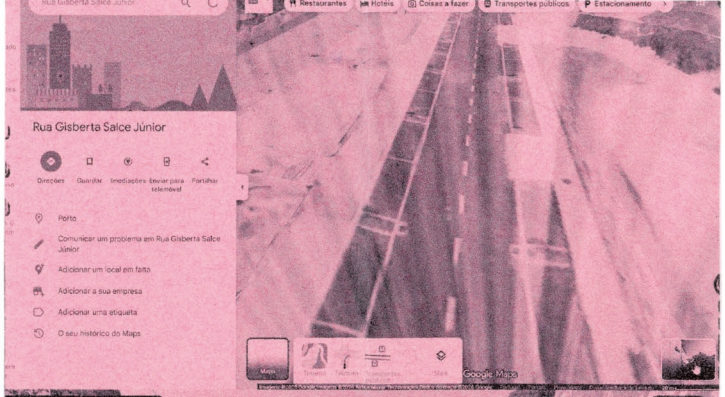
[32]



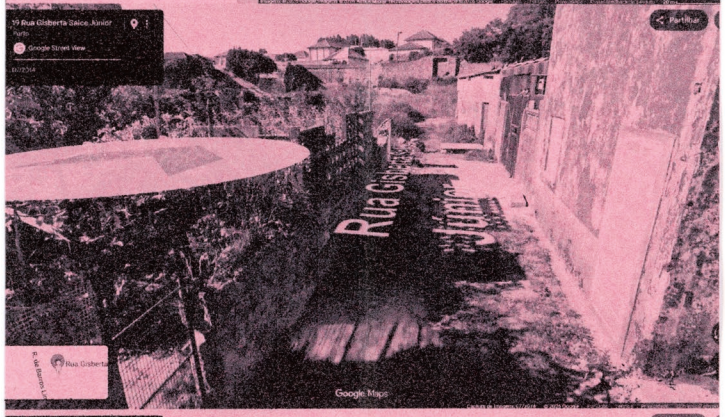
[33]



[34]



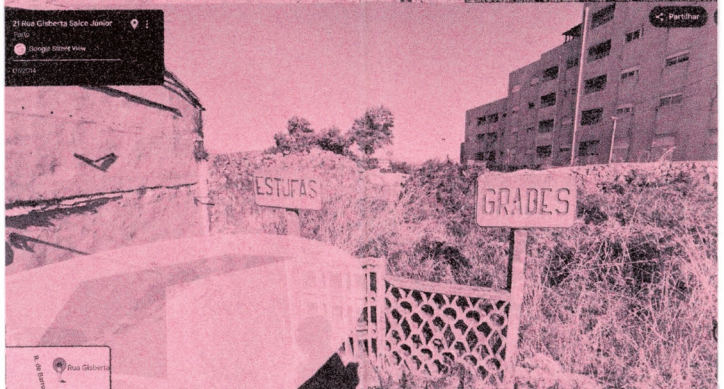
[35]



[36]



[37]



[38]


PORTO
RUA DE
GISBERTA
SALCE JÚNIOR
1956 - 2006
PORTO
RUA DE
GISBERTA
SALCE JÚNIOR
1956 - 2006
RUA DE
GISBERTA
SALCE JÚNIOR



[Img. 27]

Gisberta Salce Júnior foi uma mulher trans brasileira, que residia em Portugal desde o início dos anos 1980. Após vários ataques transfóbicos antes dos seus 18 anos, no Brasil, Gisberta mudou de vida, procurando uma nova casa na Europa. Assentou no Porto onde, segundo uma carta que a sua mãe escreveu ao seu irmão após uma visita em novembro de 1993, Gisberta era feliz.

No entanto, em 2006, o estado físico e mental de Gisberta deteriorava-se. Era seropositiva, sem-abrigo e encontrava-se num estado de debilitação profunda. Em fevereiro do mesmo ano, Gisberta foi vítima de vários crimes bárbaros, inicialmente por parte de três jovens rapazes, e mais tarde, um total de catorze, entre os 12 e os 16 anos que, durante vários dias seguidos, a agrediram física e sexualmente até a encontrarem inconsciente. O corpo de Gisberta foi encontrado dentro de um poço, num edifício desabitado na Avenida Fernão de Magalhães, na cidade do Porto.[20]

[Img. 28]



O caso de Gisberta espoletou uma onda de atenção por todo o país. Colocou a palavra transfobia no léxico nacional, permitindo que a voz de uma série de outras pessoas trans em situações de perigo fosse ouvida; fez surgir a primeira Marcha do Orgulho do Porto[21]; mudou a lei; e criou uma moção para dar o seu nome a uma rua na cidade do Porto.

[Img. 29]



As fotografias de Gisberta que se encontram disponíveis *online*—a grande parte sem créditos, presume-se, de autoria familiar—, retratam uma mulher emotiva, maioritariamente sorridente. Posto isto, a imagem usada para ilustrar reportagens dos principais canais de notícias relacionadas com a sua vida e morte é sempre a mesma [img. 30].

[Img. 30]

Retrato de Gisberta Salce Júnior mais comummente utilizado pela imprensa até ao momento.

Esta fotografia apresenta-se com um cariz utilmente criminal, e é assim usado na maior parte dos artigos que comunicam e relembram a sua morte. A utilização de um retrato de Gisberta que reproduz um documento de identificação torna-se duvidosa.



Esta imagem refere-se a Gisberta como uma mera cidadã que foi vítima de mais um homicídio, como se indiretamente colocando um número sobre o seu rosto, auxiliando a atualização quantitativa de assassínios em Portugal, de certa maneira, desumanizando-a e desvalorizando o ato bárbaro a que foi sujeita.

Gisberta não foi só mais um óbito estatístico em Portugal, mas sim vítima de um crime de ódio contra a sua própria existência como mulher trans.

[Imgs. 31↔38]

Capturas de ecrã da Rua Gisberta Salce Júnior através do Google Maps. Quando vista de dentro, somos transportados para um passado de uma rua desatualizada, debilitada e desmoronada. Vista de fora, os registos são de uma rua em transformação.



O local onde se situa atualmente a placa com nome de Gisberta deu, em tempos, lugar a dois marcos em pedra que identificavam «estufas» e «grades» [img. 38].

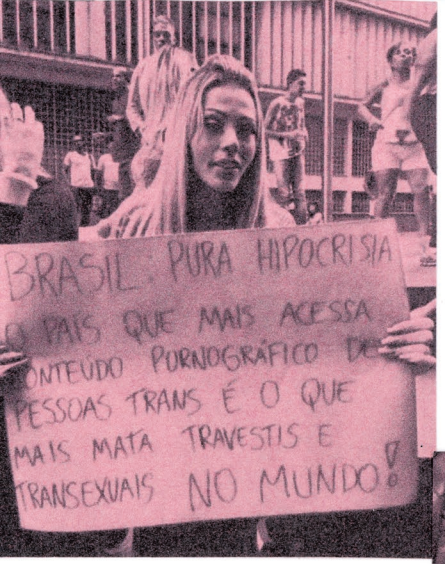
[Img. 39]

Montagem ilustrativa de um vídeo pessoal a caminhar na Rua Gisberta Salce Júnior, a 27 de fevereiro de 2026.

No dia 24 de maio de 2024 foi, finalmente, colocada a placa com o nome da Gisberta entre a Rua das Eirinhas e a Travessa das Eirinhas, na freguesia do Bonfim, após variadas propostas que não haviam encontrado consenso dentro da Comissão da Toponímia.[22]



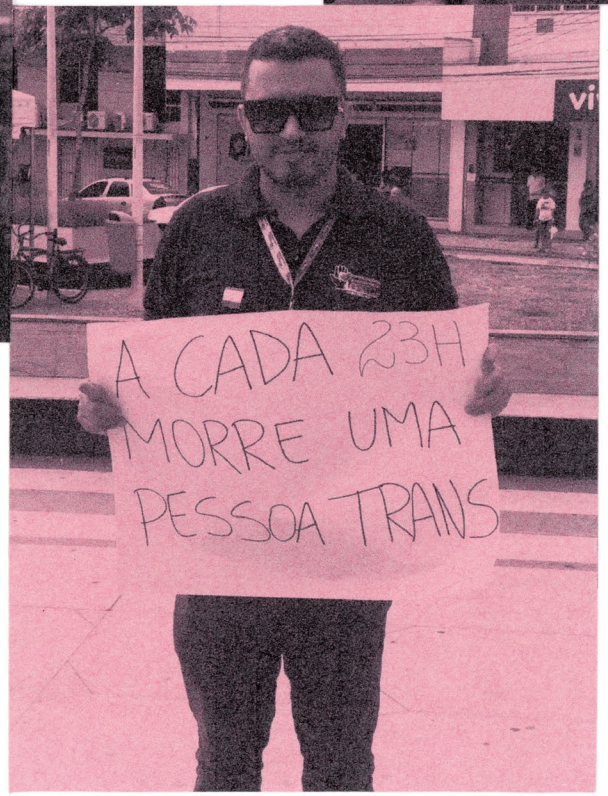
Ainda hoje a rua se encontra em constante transformação, com novas habitações a serem construídas.


BRASIL: PURA HIPOCRISIA
O PAÍS QUE MAIS ACESSA
ONTEÚDO PORNOGRÁFICO DE
PESSOAS TRANS É O QUE
MAIS MATA TRAVESTIS E
TRANSEXUAIS NO MUNDO!

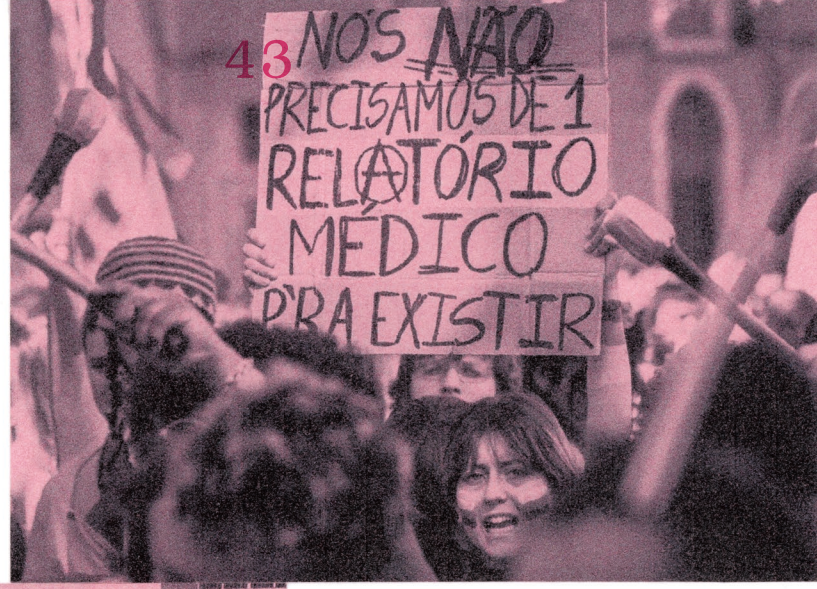
[40]


SUA
TRANSFOBIA
MATA

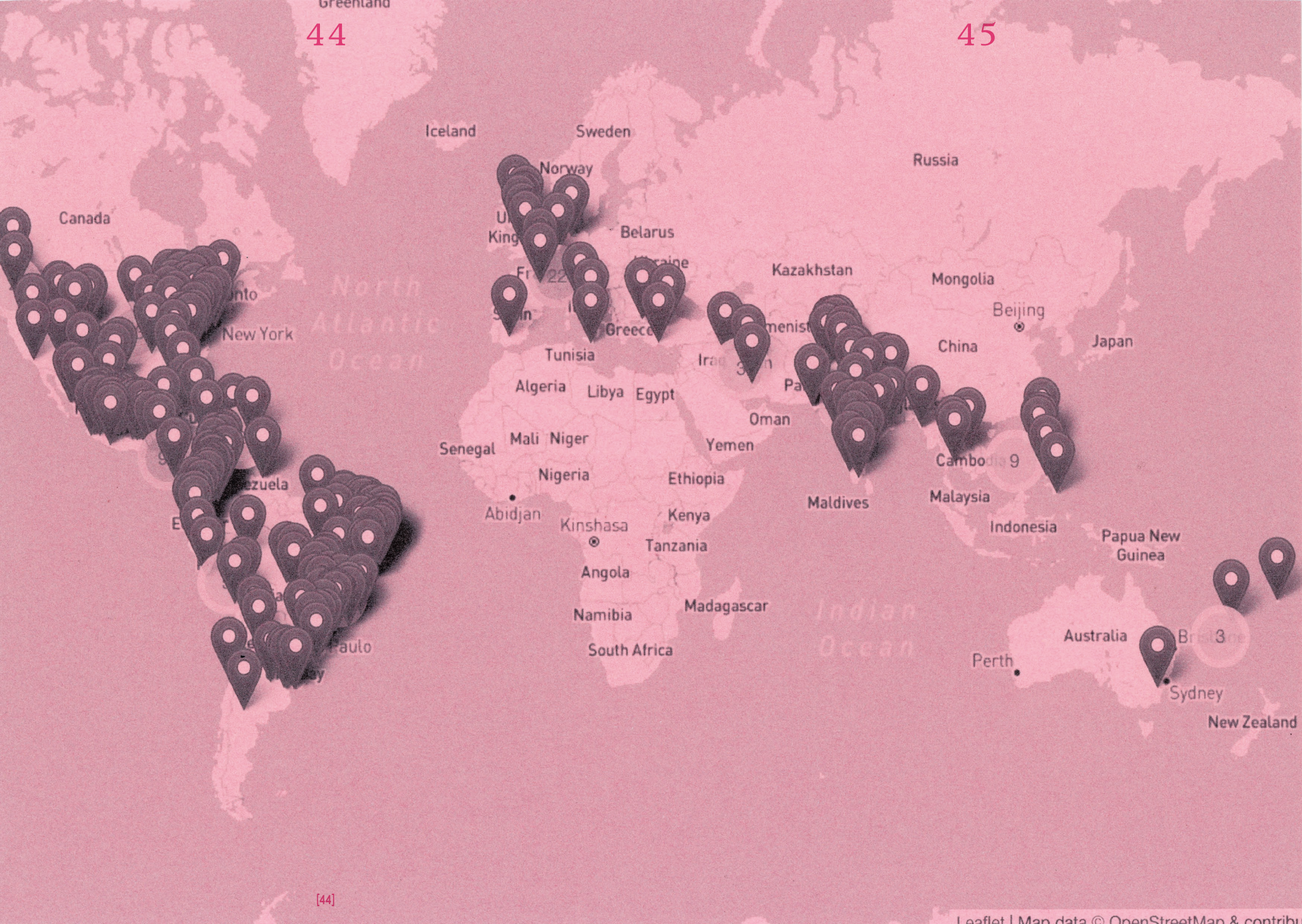
[41]


A CADA 23H
MORRE UMA
PESSOA TRANS

[42]


NÓS NÃO
PRECISAMOS DE 1
RELATÓRIO
MÉDICO
P'RA EXISTIR

[43]


Greenland
Iceland
Sweden
Norway
Russia
Canada
Belarus
Kazakhstan
Mongolia
Beijing
China
Japan
New York
Tunisia
Algeria
Libya
Egypt
Oman
Senegal
Mali
Niger
Yemen
Nigeria
Ethiopia
Maldives
Malaysia
Indonesia
Papua New Guinea
Abidjan
Kinshasa
Kenya
Tanzania
Angola
Namibia
Madagascar
South Africa
Australia
Perth
Sydney
New Zealand
North Atlantic Ocean
Indian Ocean
Leaflet | Map data © OpenStreetMap & contrib


ESTOCOTURA
CIMARRONA



[Img. 40]
O arquivo Remembering Our Dead[2][3] relata casos mortais de transfobia datados desde os anos 1970 até à atualidade. Do total de 6224 casos registados no website, o Brasil encontra-se no topo da lista com 2147 relatos.

[Img. 42]
A organização TGEU (Trans Europe and Central Asia) divulgou a novembro de 2025 que «281 pessoas trans e de género diverso foram registadas como assassinadas entre 1 de outubro de 2024 e 30 de setembro de 2025.» Esta contagem iguala aproximadamente uma morte a cada 31 horas. É de refletir que estes valores a nível mundial, *apenas de homicídios*.[2][4]



[Img. 43]
A 27 de janeiro de 2026 foi admitido na Assembleia da República português o Projeto de Lei n.º 391/XVII/1.º que visa revogar a Lei n.º 38/2018, de 7 de agosto, que estabelece o direito à autodeterminação da identidade de género e expressão de género e à proteção das características sexuais de cada pessoa, e repristinar e alterar a Lei n.º 7/2011, de 15 de março, que cria o procedimento de mudança de sexo e de nome próprio no registo civil. O novo projeto de lei «atualiza a regulação do procedimento de mudança de sexo e de nome próprio no registo civil, em particular no que diz respeito à proteção das crianças e jovens, à luz da evidência científica mais recente e em consonância com os princípios da bioética e da dignidade da pessoa humana.» As bancadas do PSD, Chega e CDS aprovaram, com o voto contra de todos os outros partidos.



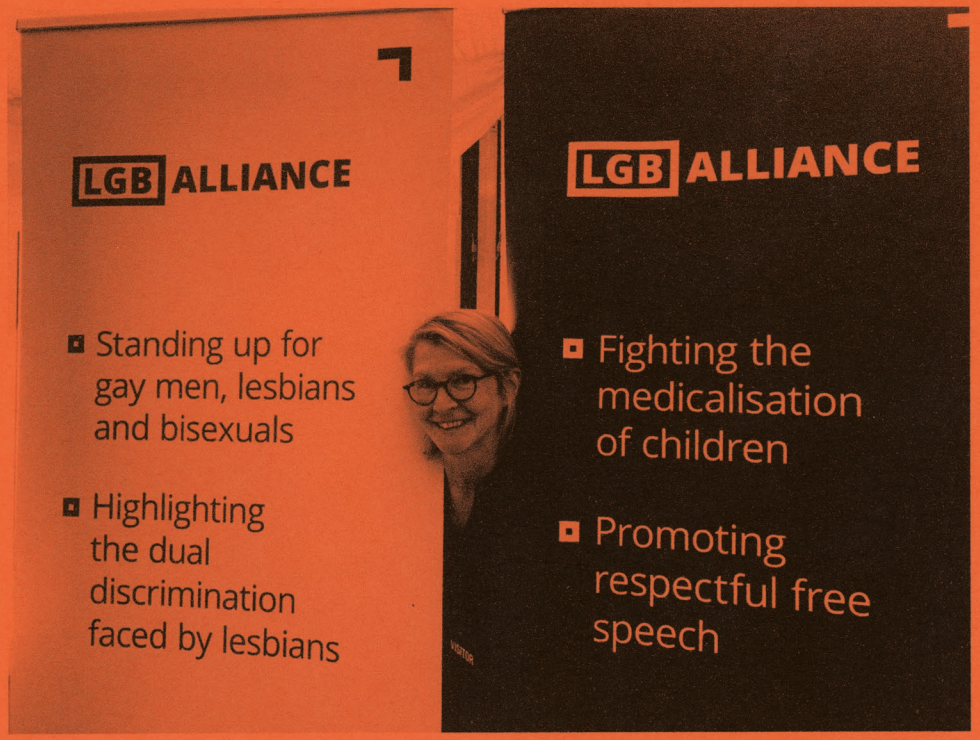
[Img. 44]
295 registos de transfobia gerados no motor de busca do website Remembering Our Dead, dados entre 10 de abril de 2025 e 10 de abril de 2026.



Quando o período é alterado para os últimos 10 anos (entre 10 de abril de 2016 e 10 de abril de 2026), os registos passam para 3948.



[Img. 45]
Colagem criada pelo website Remembering Our Dead com retratos fotográficos de todas as vítimas de transfobia registadas na página no ano de 2025.


LGB ALLIANCE
Standing up for gay men, lesbians and bisexuals
Highlighting the dual discrimination faced by lesbians
LGB ALLIANCE
Fighting the medicalisation of children
Promoting respectful free speech

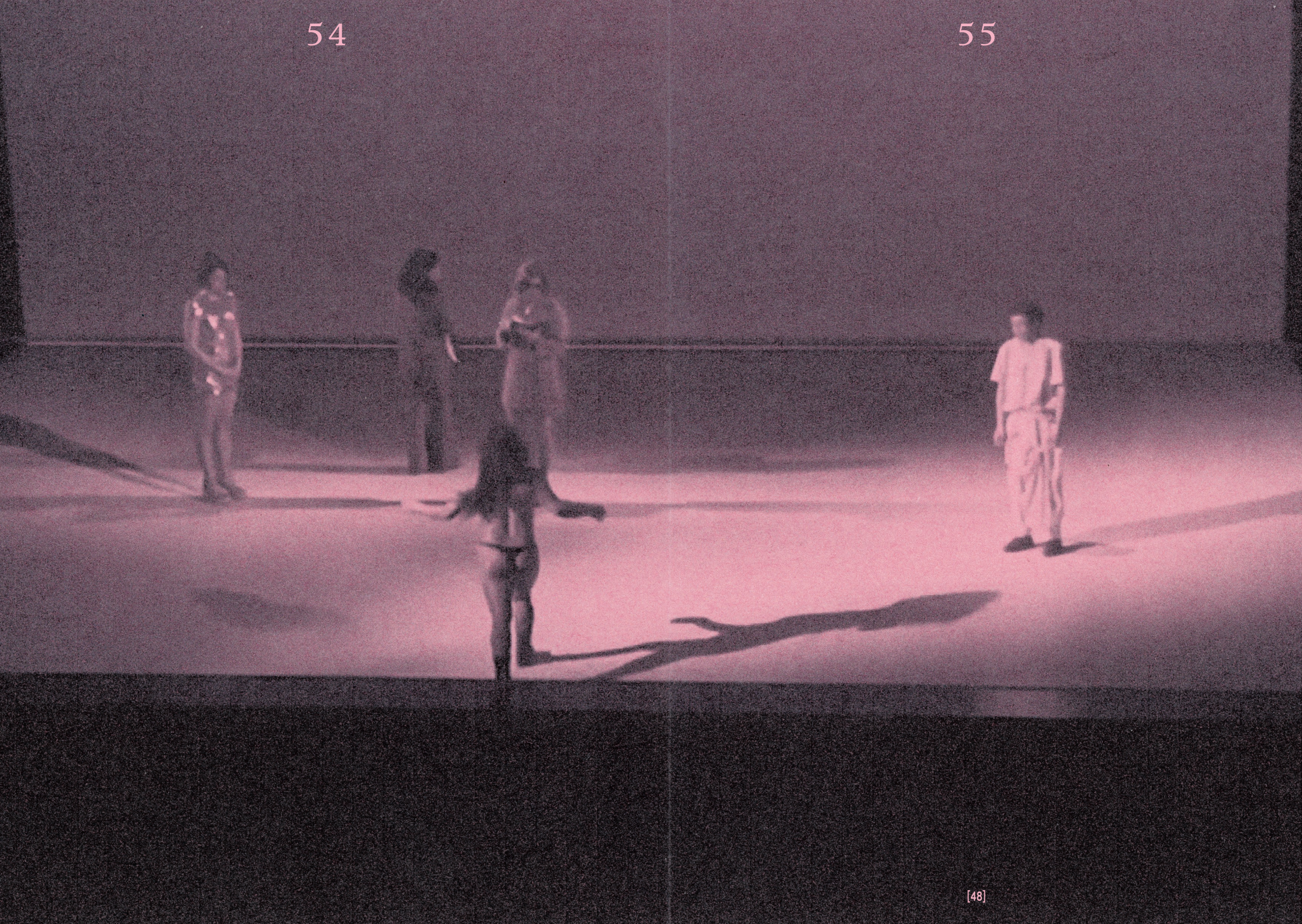
[46]


ALLIANCE

[47]

Não estão dando
oportunidade para uma
travesti trabalhar, pelo
menos subir ao palco, para
contar a nossa
própria história,
as nossas
narrativas, porque
isso pode custar as
nossas vidas.

Keyla Brasil, intervenção na peça *Tudo sobre a minha mãe*.
19 de janeiro de 2023.

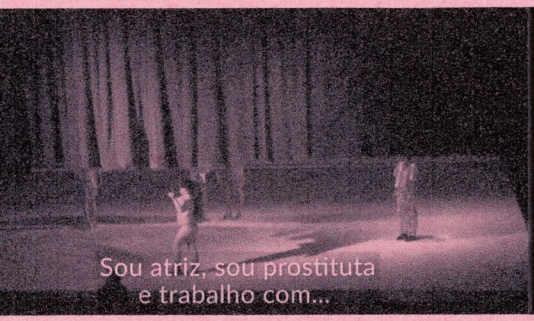


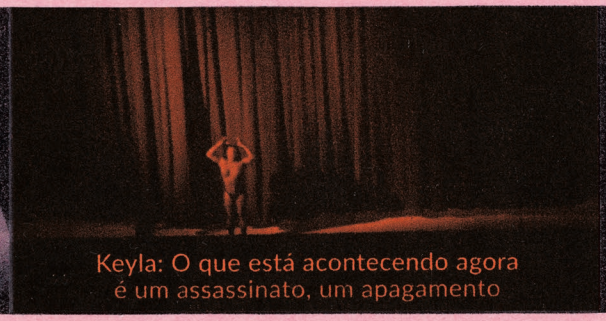

Tenha respeito por esse lugar


Keyla: Gente boa noite
Eu me chamo Keyla Brasil


Porque nós não temos espaço
para estar aqui nesse palco


nesse lugar sagrado


Sou atriz, sou prostituta
e trabalho com...


Keyla: O que está acontecendo agora
é um assassinato, um apagamento

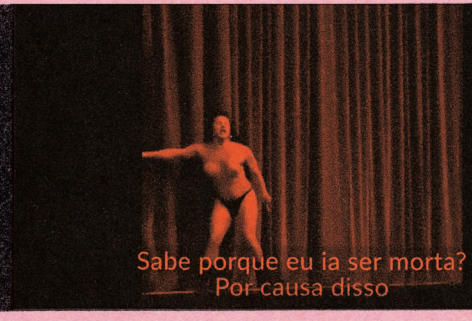

Semana passada eu estava
trabalhando como prostituta


e um homem apontou
um revolver na minha cara


Eu preciso de 3 minutos

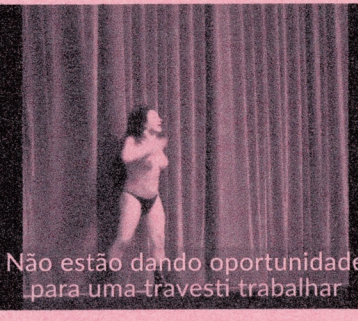

Se contrataram 4 mulheres,


e eu ia sendo morta


Sabe porque eu ia ser morta?
Por causa disso


3 homens...

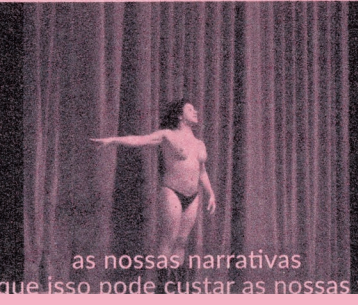

Porquê não contratam 2 pessoas trans


Não estão dando oportunidade
para uma travesti trabalhar


pelo menos subir ao palco
para contar a nossa própria história


para fazer a personagem?


Sabe porquê eu trabalho como prostituta?


as nossas narrativas
porque isso pode custar as nossas vidas


Muito obrigada

[Img. 46]

A Aliança LGB (LGB Alliance) surge, em 2019, no Reino Unido. A sua organização acredita que o sexo biológico é importante, que a atração pelo mesmo sexo é real[25], e que identidade de género não deve ser confundida com sexualidade. O objetivo desta aliança é excluir minorias não-heterossexuais, colocando gays, lésbicas e bissexuais como únicas orientações válidas de serem apoiadas. A «causa» da Aliança LGB é criar divisões entre comunidades, afirmando que a luta gay não pode estar de mãos dadas com a luta trans, com base em «provas e verdade[26]».



A Aliança LGB em Portugal refere que organizações LGBTQIA+ que tentam «manipular a binaridade do sexo, parasitando a dor de quem nasce com deformações—actualmente denominados de intersexo, aquele «i» que decidiram incluir na interminável sigla—revela[m] uma insensatez grotesca. Usar estes casos excepcionais como exemplo de um sexo não-binário é o mesmo que dizer que alguém que nasce sem uma perna prova que os seres humanos não são bípedes[27]».

Podemos, assim, classificar a Aliança LGB não como uma «instituição de caridade»[28], mas sim como uma organização reacionária, que propaga discurso de ódio envolto numa máscara de «liberdade».

[Img. 47]



Imagem publicada na revista online Gayming Magazine que ilustra um artigo de 2022 a divulgar a remoção da LGB Alliance UK da sua lista de organizações de caridade.

É interessante analisar a identidade visual da Aliança LGB, tipografia não-serifada branca sobre fundo preto, desprovido de qualquer cor, símbolo ou personalidade—o objetivo é esquecer o passado, encaixar no molde cisheteronormativo, apresentar-se mais socialmente aceitável e digerível.

[Img. 48]

A 19 de janeiro de 2023 decorreu uma intervenção ativista durante a apresentação da peça *Tudo sobre a minha mãe*, no Teatro São Luíz, em Lisboa. A peça, produzida por Daniel Gorjão, é uma adaptação de Samuel Adamson, a partir do filme de 1999, produzido por Pedro Almodóvar. Keyla Brasil, ativista trans brasileira, interrompeu esta apresentação com as palavras de mote «Transfake!», seguidas de um monólogo sobre a invisibilidade das pessoas trans no mundo do espetáculo.



[Img. 49]

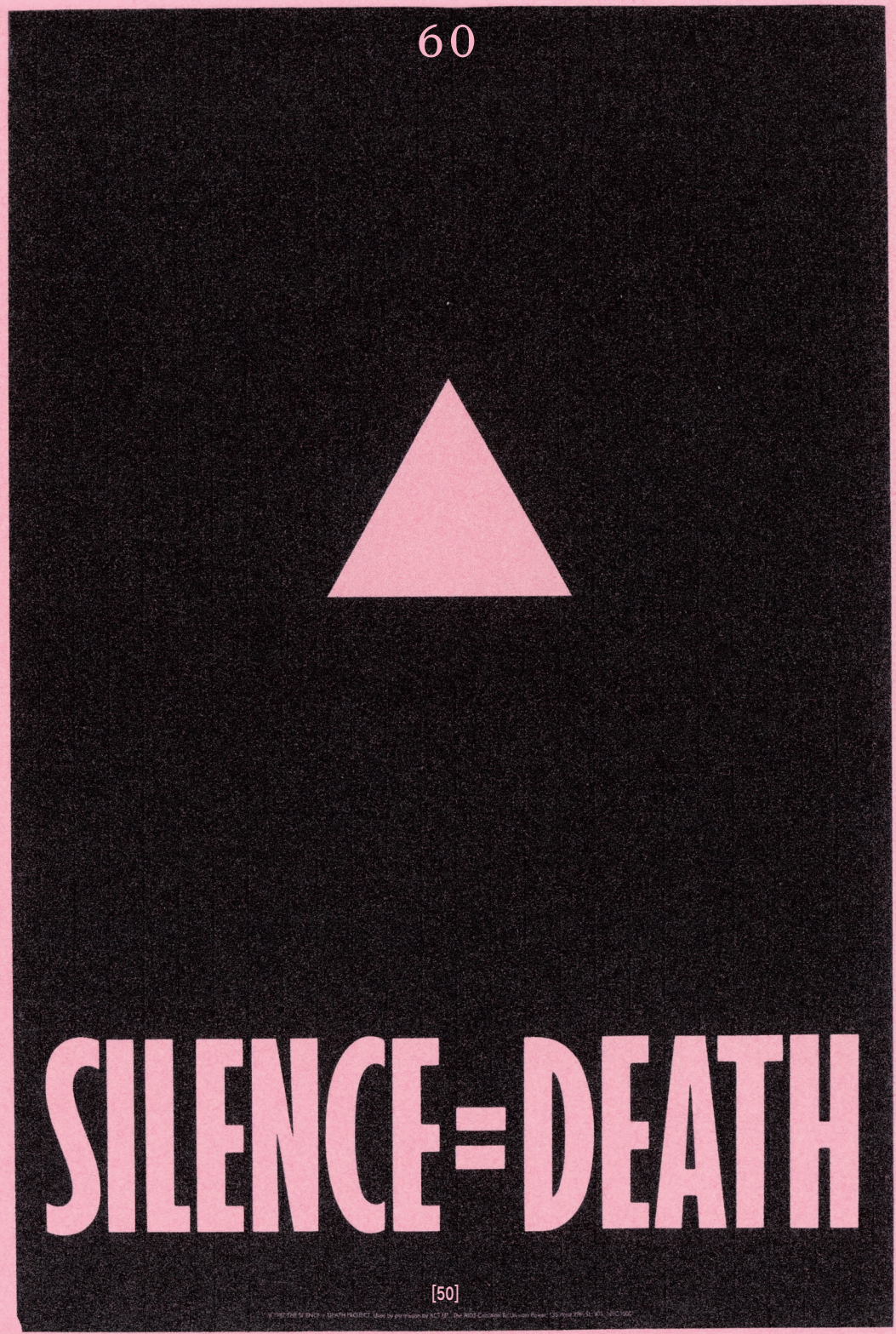
Transfake é um termo, segundo a ativista, investigadora e artista Dusty Whistles, utilizado para denominar «a ação de artistas cisgénero que participam na exclusão de trabalhadores culturais trans através da apropriação de papéis trans[29]».

Keyla Brasil acusa, com esta intervenção, es produtorvs desta peça de perpetuar estereótipos e discursos transfóbicos com a escolha de um ator cis para representar uma personagem trans—Lola—, referindo que pessoas trans como a própria Keyla não têm espaço num palco português devido a estas escolhas.

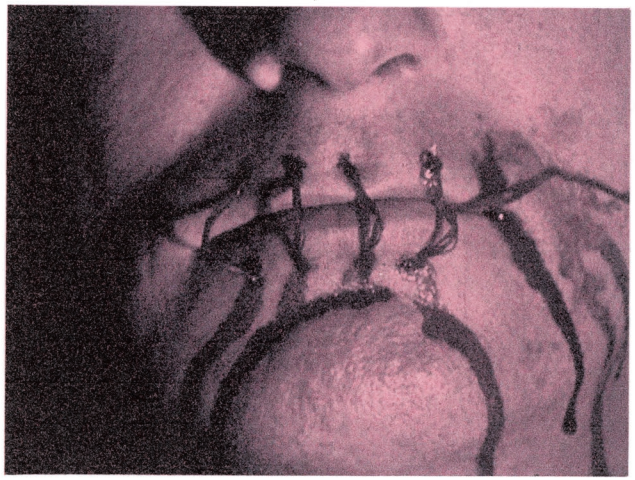


Defende Dusty Whistles que «o casting *transfake* ridiculariza as pessoas trans, com a suposição, mesmo que não intencional, de que não somos mais do que uma série de adereços amovíveis numa pessoa cis confusa.»

Nas apresentações posteriores à intervenção, a personagem de Lola passou a ser representada pela atriz trans Maria João Vaz.[30]



[50]



[51]

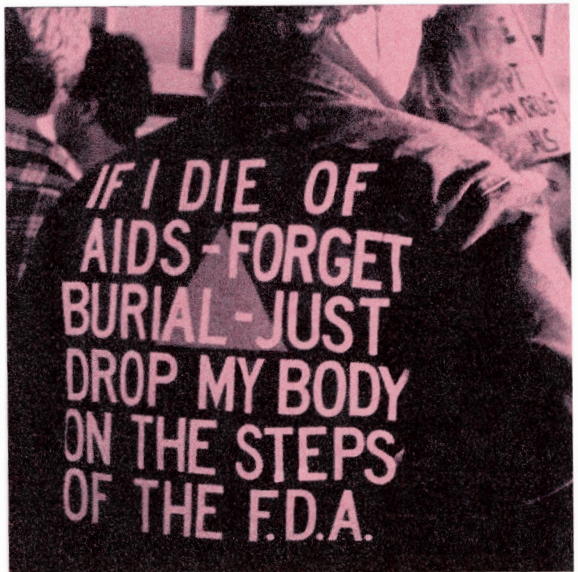


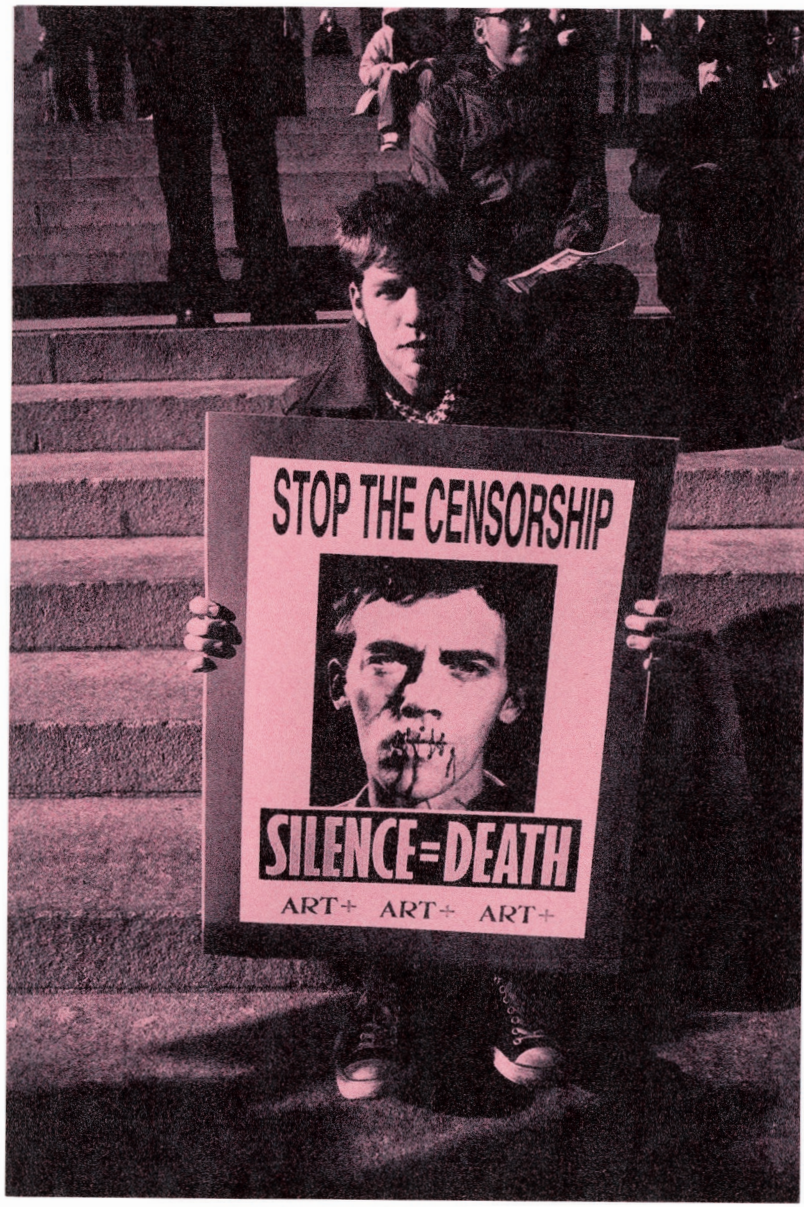



DEXTRAN
SULFATE
CHANCE
IF I DIE OF
AIDS-FORGET
BURIAL-JUST
DROP MY BODY
ON THE STEPS

[54]

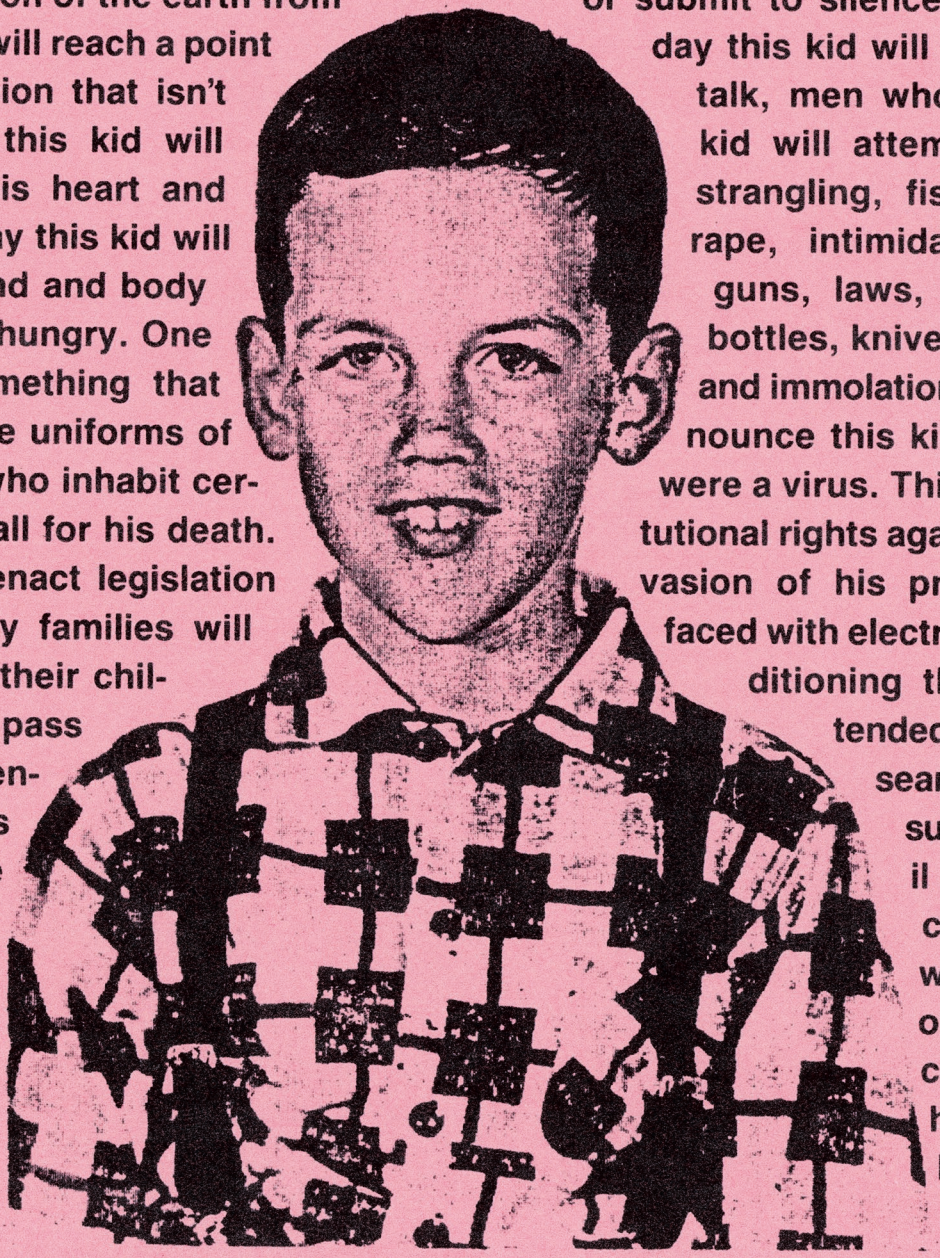
[55]


IF I DIE OF
AIDS - FORGET
BURIAL - JUST
DROP MY BODY
ON THE STEPS
OF THE F.D.A.


STOP THE CENSORSHIP
SILENCE=DEATH
ART+ ART+ ART+

[56]

One day this kid will get larger. One day this kid will come to know something that causes a sensation equivalent to the separation of the earth from its axis. One day this kid will reach a point where he senses a division that isn't mathematical. One day this kid will feel something stir in his heart and throat and mouth. One day this kid will find something in his mind and body and soul that makes him hungry. One day this kid will do something that causes men who wear the uniforms of priests and rabbis, men who inhabit certain stone buildings, to call for his death. One day politicians will enact legislation against this kid. One day families will give false information to their children and each child will pass that information down generationally to their families and that information will be designed to make existence intolerable for this kid. One day this kid will begin to experience all this activity in his environment and that activi-



ty and information will compell him to commit suicide or submit to danger in hopes of being murdered or submit to silence and invisibility. Or one day this kid will talk. When he begins to talk, men who develop a fear of this kid will attempt to silence him with strangling, fists, prison, suffocation, rape, intimidation, drugging, ropes, guns, laws, menace, roving gangs, bottles, knives, religion, decapitation, and immolation by fire. Doctors will pronounce this kid curable as if his brain were a virus. This kid will lose his constitutional rights against the government's invasion of his privacy. This kid will be faced with electro-shock, drugs, and conditioning therapies in laboratories tended by psychologists and research scientists. He will be subject to loss of home, civil rights, jobs, and all conceivable freedoms. All this will begin to happen in one or two years when he discovers he desires to place his naked body on the naked body of another boy.

© Wojnarowicz 1990/91

[Img. 50]

O vírus da imunodeficiência humana (VIH) é declarado epidemia mundial em 1981. O projeto *Silence = Death* foi criado em 1987, por um coletivo formado por Avram Finkelstein, Brian Howard, Oliver Johnston, Charles Kreloff, Chris Lione, e Jorge Socárras.

Numa entrevista à revista *online* Slate, Avram Finkelstein revela que, após ter perdido o seu parceiro Don Yowell por SIDA, viu-se na posição de tornar a sua criação artística num movimento político. Nasceram os cartazes *Silence = Death* que tinham como intuito ajudar a organizar a comunidade em torno da questão política da SIDA, mas também de transmitir a todos os que estavam fora da comunidade a ideia de que a organização para este movimento já existia.[31]



Finkelstein revela, ainda, que as escolhas gráficas por trás do cartaz foram intencionais. A utilização do símbolo que identificava homens gays durante o Holocausto é reapropriado, o triângulo rosa invertido, aqui colocado apontado para cima, reinvertendo a narrativa. O espaço negativo da composição foi, também, intencional: com o objetivo de serem espalhados pelas ruas, junto a cartazes de filmes e anúncios comerciais, o coletivo criou uma «zona de silêncio» a negro.



[Img. 51]

Captura de ecrã do filme *A Fire in My Belly*, do artista americano David Wojnarowicz, cuja obra se revelou profundamente política após o seu diagnóstico seropositivo, em 1987.

Holland Cottern, crítico de arte do The New York Times escreve sobre a obra, «não há dúvida de que *A Fire in My Belly* trata de espiritualidade e da SIDA. Para aqueles que se viram envolvidos na crise, os piores anos da epidemia foram como um prolongado Dia dos Mortos, um tempo de caveiras e velas, de corrupção com a promessa de ressurreição.[32]»

Em 2010, a obra—inacabada pelo autor—fez parte da exposição *Hide/Seek: Difference and Desire in American Portraiture*, patente no Smithsonian's National Portrait Gallery, em Washington D.C., nos Estados Unidos da América, e foi, controversamente, removido da mesma por acusações de anti-catolicismo pela Catholic League.[33]

[Imgs. 52↔53]

A Fire in My Belly consiste em recortes de diversas gravações, intercalando demonstrações de violência—uma cena tauromáquica, um combate de wrestling, demonstrações circenses com leões e primatas—e imagens de maquinaria industrial. Surgem ainda plano de formigas que percorrem freneticamente objetos dispersos, como moedas e um crucifixo de madeira com a figura de Jesus Cristo ensanguentada. Estas imagens são intercaladas com outras que mostram, alternadamente, dois pedaços de pão e uma boca, também ensanguentada, a serem cosidos com um fio vermelho. Tudo isto justaposto com cenas de um homem que se despe e se masturba, alucinantemente iluminado por luz estroboscópica.





[Img. 54↔55]

IF I DIE OF AIDS—FORGET BURIAL—JUST DROP MY BODY ON THE STEPS OF THE FDA.

Wojnarowicz é fotografado e filmado a 11 de outubro de 1988, num protesto em frente ao edifício da Food and Drug Administration, em Maryland, Estados Unidos da América, com o grupo ACT UP (AIDS Coallition to Unleash Power). A mensagem no seu casaco, bem como o ato performativo em si, remete à imediatez do cartaz *Silence = Death* e reflete o desagrado com um governo que não se afeta com as vítimas do VIH, que não oferece medidas de prevenção e que não comunica a dimensão real da epidemia.

Lauren O'Neill-Butler escreve sobre a performance, «A parresia [obrigação de falar abertamente, mesmo que isso implique um risco pessoal] de Wojnarowicz encontrou o seu lugar no seu casaco feito à medida. Ele sabia que era útil criar uma mensagem curta e icónica, algo que seguisse a lógica da arte ativista—pegar, copiar, distribuir—, um trio que antecipa o meme digital que se auto-propaga (...).[34]»

[Img. 56]

De igual cariz interventivo, grupos de pessoas protestam a censura da obra exposição *Hide/Seek: Difference and Desire in American Portraiture*, como mencionada na [img. 51].



«Wojnarowicz estava profundamente indignado com um governo que mal reconhecia a epidemia e com as forças políticas que, na sua opinião, usavam a SIDA—e a arte criada em sua resposta—para demonizar os homossexuais.[35]»

[Img. 57]

Untitled (One Day This Kid...) é considerada uma das obras mais marcantes de Wojnarowicz. Escrito numa perspetiva futura, o retrato em criança do autor é rodeado de afirmações sobre a sua própria vida em que cataloga a violência homofóbica perpetrada contra homens *queer* por governos, instituições religiosas, famílias e vizinhos.[36] Ao invés de escrever uma carta ao seu passado, Wojnarowicz relata o destino a que foi subjugado durante a sua vida, e inscreve-o no seu retrato de criança, como se de uma marca para a vida se tratasse, um percurso de vida inevitável.



One Day This Kid... continua, vinte e seis anos após a sua criação, a ser uma referência para a história *queer*, revelando novos significado aplicáveis a situações de discriminação na comunidade LGBTQIA+, fazendo rondas nas redes sociais de tempo em tempo, seja como reação a decisões governamentais sobre direitos LGBTQIA+ ou por mera resistência *queer*, recusando que nos esqueçamos quem abriu caminho.

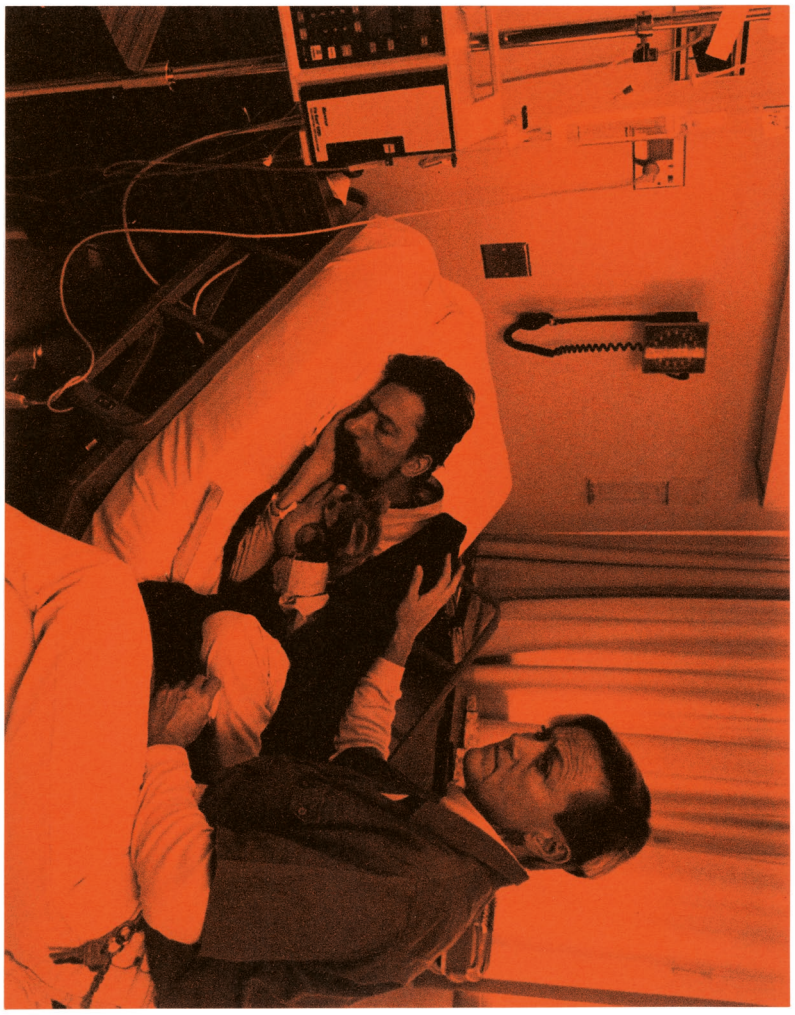
Refere o crítico Maurice Berger, «(...) embora já me tenha assumido há quase uma década, este trabalho ajudou-me a aceitar uma parte do meu eu *queer* que nunca antes tinha assumido: aquele miúdo vítima de homofobia e cheio de ódio por si próprio, que lutava para sobreviver.[37]»

I lived in the San Francisco area. It was like watchin g people melt away in front of your eyes. It was just devastating, seeing someone else to fall ill and worrying about others who might be next one There are so many memorials. So many ~~memorial~~ loving, vibrant people reduced to memories and squares on the quilt.

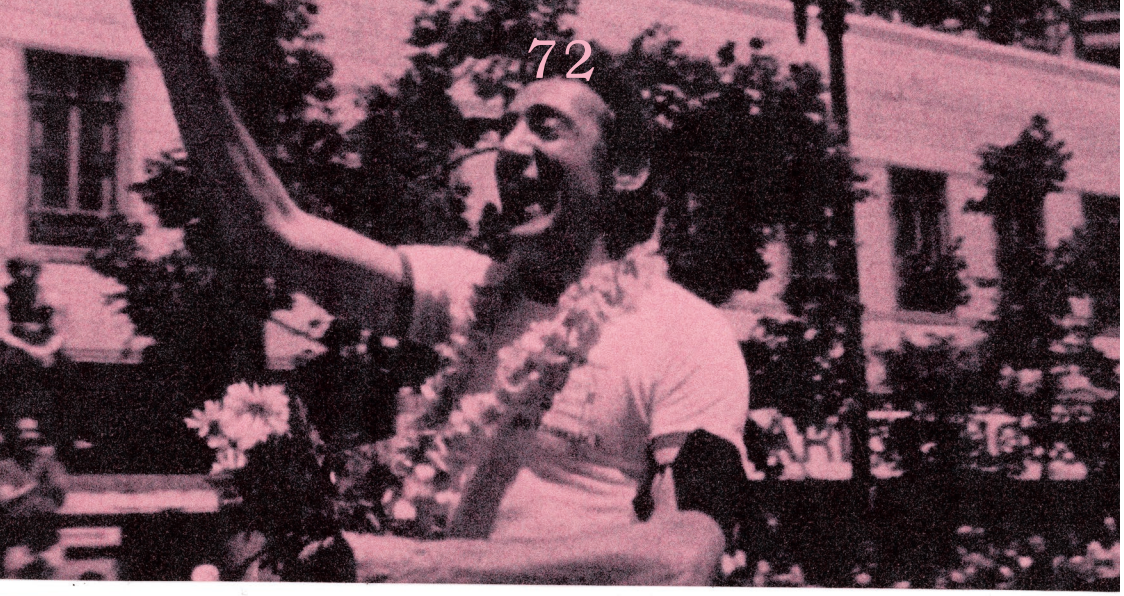
The most poignant bit that I remember most is a gay man who took out his ~~suit~~ suit and his shoes for a funeral, and then simply left them out for the next funeral ... Then realized, months later, that he had never actually put the suit away because he had always needed it for the next funeral.

And the next.
And the next.

Testemunhos de utilizadorus do Reddit, no subreddit r/AskLGBT. Consultado em abril de 2026.



[58]







[59]

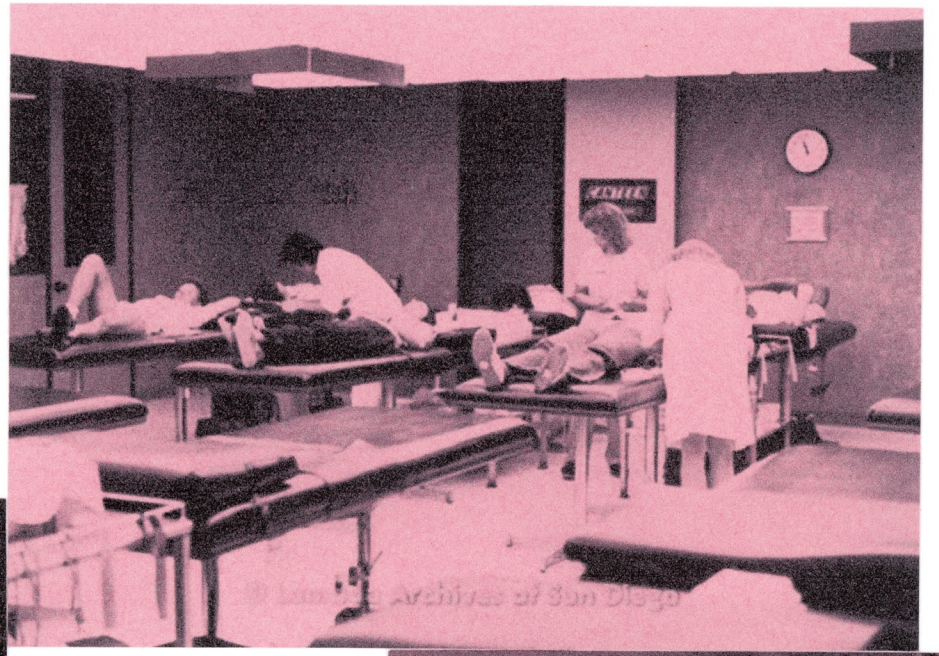


[60]



[61]

[62]



[63]



[Img. 58]



<< A decisão de colocar o «L» em primeiro lugar na sigla tem sido historicamente uma decisão política; muitas vezes, a pessoa que a empregava afirmava que as lésbicas estão sub-representadas em comparação com os homens gays. Outras vezes, é uma escolha mais arbitrária de um indivíduo ou grupo.[58] >> afirma Jaimee Garbacik em *Gender & sexuality for beginners*, que é o testemunho mais comumente defendido. Este ato celebra e relembra as lésbicas que ajudaram a comunidade com campanhas de doação de sangue quando o governo americano falhou em oferecer apoio médico e medidas de prevenção à população.

[Img. 59]

Harvey Milk, ativista de direitos humanos, tornou-se a 9 de janeiro de 1978, o primeiro candidato abertamente gay a um cargo público americano. Como supervisor da cidade de São Francisco, no estado da Califórnia, trouxe esperança à comunidade, nunca até ao momento sentida.

A sua agenda incluía a proteção dos direitos dos homossexuais (projetos de lei antidiscriminação), a criação de creches para mães trabalhadoras e a reconversão de instalações militares na cidade em habitação a preços acessíveis. Pronunciou-se, também, sobre questões estatais de interesse para as pessoas LGBTQIA+, mulheres, minorias raciais e étnicas e outras comunidades marginalizadas[59].

A 27 de novembro de 1978, Milk foi assassinado por um ex-supervisor da cidade, que assassinou, em simultâneo, o então *mayor* de São Francisco. Milk tornou-se, assim, um *mártir* da comunidade.



Num dos vários testamentos que Milk fez a prever o seu eventual assassínio, este entoa << *If a bullet should enter my brain, let that bullet destroy every closet door*[60] >>.

Em 2021, o nome de Harvey Milk foi dado a um navio petroleiro da Marinha dos Estados Unidos da América, parte de uma nova geração de petroleiros da classe John Lewis, nomeados em homenagem a figuras centrais dos direitos civis nos E.U.A.
Recentemente, em junho de 2026, foi anunciada a *retroação* do nome de Harvey Milk, sob decisão do atual secretário da Defesa, Pete Hegseth, conhecido pelas suas posições ultraconservadoras e pela ofensiva contra iniciativas de inclusão no seio das Forças Armadas[61].

[Imgs. 60↔63]

Em 1983, os homens gays (ou homens que tinham relações sexuais com outros homens) ficaram proibidos de doar sangue, numa tentativa de impedir a entrada do VIH no banco de sangue dos Estados Unidos da América.
O San Diego Blood Sisters foi organizado por vários grupos de lésbicas que, trabalhando com bancos de sangue locais, criaram campanhas de doações que ajudavam os homens que precisavam de transfusões frequentes, muitas vezes já em estado anémico[62].





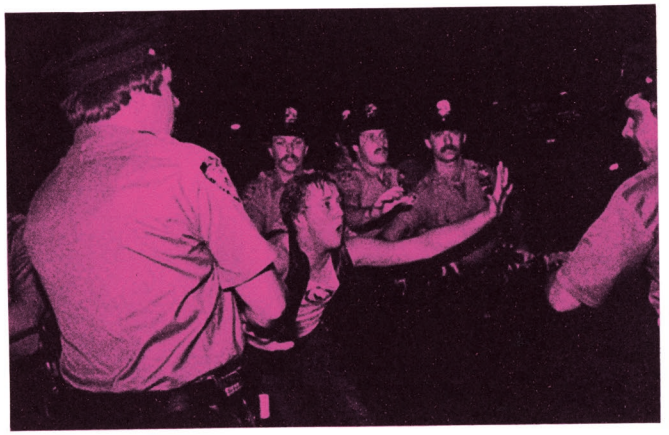
O primeiro caso de SIDA em Portugal foi diagnosticado em outubro de 1983, dois anos após do primeiro caso a nível mundial, no entanto, casos anteriores terão sido observados na enfermaria de Doenças Infecciosas e Medicina Tropical do Hospital Egas Moniz desde 1979.[63]

[64]





[65]



[66]

THE HAIRPIN DROP H'ARD AROUND THE WORLD

The first gay riots in history took place during the pre-dawn hours of Saturday and Sunday, June 28-29, in New York's Greenwich Village. The demonstrations were touched off by a police raid on the popular Stonewall Club, 53 Christopher Street. This was the last (to date) in a series of harassments which plagued the Village area for the last several weeks.

Plainclothes officers entered the club at about 2 a.m., armed with a warrant, and closed the place on grounds of illegal selling of alcohol. Employees were arrested and the customers told to leave. The patrons gathered on the street outside, and were joined by other Village residents and visitors to the area. The police behaved, as is usually the case when they deal with homosexuals, with bad grace, and were reproached by "straight" onlookers. Pennies were thrown at the cops by the crowd, then beer cans, rocks, and even parking meters. The cops retreated inside the bar, which was set afire by the crowd.

A hose from the bar was employed by the trapped cops to douse the flames, and reinforcements were summoned. A melee ensued, with nearly a thousand persons participating, as well as several hundred cops. Nearly two hours later, the cops had "secured" the area.

The next day, the Stonewall managment sent in a crew to repair the premises, and found that the cops had taken all the money from the cigarette machine, the juke box, the cash register and the safe, and had even robbed the waiter's tips!

Since they had been charges with selling liquor without a license, the club was reopened as a "free store", open to all and with everything being given away, rather than sold.

A crowd filled the place and the street in front. Singing and chanting filled Sheridan Square Park, and the crowds grew quickly.

At first, the crowd was all gay, but as the weekend tourists poured in the area, they joined the crowds. They'd begin by asking what was happening. When they were told that homosexuals were protesting the closing of a gay club, they'd become very sympathetic, and stay to watch or join in. One middle-aged lady with her husband told a cop that he should be ashamed of himself. "Don't you know that these people have no place to go, and need places like that bar?" she shouted. (Several hours later, she and her husband, with two other couples, were seen running with a large group of homosexuals from the night sticks brandished by the TPF.

The crowds were orderly, and limited themselves to singing and shouting solagans such as "Gay Power", "We Want Freedom Now" and "Equality for homosexuals". As the mob grew, it spilled off the sidewalk, overflowed Sheridan Square Park, and began to fill the roadway. One of the six cops who were there to keep order began to get smart and cause hostility. A bus driver blew his horn at the meeting, and someone shouted, "Stop the Bus!". The crowd surged out in to the street and blocked the progress of the bus. As the driver inched ahead, someone ripped off an advertising card and blocked the windshield with it. The crowd beat on the sides of the (empty) bus and shoit "Christopher Street belongs to the queens!" and "Liberate the street".

The cops got the crowd to let the bus pass, but then the people began a slow-down-the-traffic campaign. A human line across the street blocked traffic, and the cars were let through one at a time. Another car, bearing a fat, gouty-looking cop with many pounds of gilt braid, chauffered by a cute young cop came through. The fat cop looked for all the world like a slave-owner surveying the plantation, and someone tossed a sack of wet garbage through the car window and right on his face. The bag broke and soggy coffee grounds dripped down the lined face, which never lost it's "screw you" look.

-more-

Hairpin drop -- cont'd.

Another police car came through Waverly Place, and stopped at the corner of Christopher. The occupants just sat there and glared at the crowd. Suddenly, a concrete block landed on the hood of the car, and the crowd drew back. Then, as one person, it surged forward and surrounded the car, beating on it with fists and dancing atop it. The cops radioed for help, and soon the crowd let the car pass.

Christopher Street, from Greenwich to Seventh Avenues, had become an almost solid mass of people -- most of them gay. No traffic could pass, and even walking the few blocks on foot was next to impossible. One little old lady tried to get through, and many members of the crowd tried to help her. She brushed them away and continued her determined walk, trembling with fear and mummering, "It must be the full moon, it must be the full moon."

Squad cars from the 5th, 6th, 4th and 9th precincts had brought in a hundred or so cops who had no hope of controlling the crowd of nearly two thousand people in the streets. Until this point, the crowd had been, for the most part, pleasant and in a jovial mood. Some of the cops began to become very nasty, and started trouble. One boy, evidentally a discus-thrower, reacted by bouncing garbage can lids neatly off the helmets of the cops. Others set garbage cans ablaze. A Christopher street merchant stood in the door of her shop and yelled at the cops to behave themselves. Whenever they would head in her direction, she'd run into the shop and lock the door.

The focus of the demonstration shifted from the Stonewall to "The Corner"-- Greenwich Avenue and Christopher Street. The intersection, and the street behind it, was a solid mass of humanity. The Tactical Police Force (TPF) arruved in city busses. 100 of them debarked at The Corner, and 50 more at Seventh Ave. and Christopher.

They huddled with some of the top brass that had already arrived, and isolated beer cans, thrown by the crowd, hit their van and cars now and again. Suddenly, two cops darted into the crowd and dragged out a boy who had done absolutely nothing. As they carried him to a waiting van brought to take off prisoners, four more cops joined them and began pounding the boy in the face, belly and groin with night sticks. A high shrill voice called out, "Save our sister!" and there was a general pause, during which the "butch" looking "numbers" looked distracted. Momentarily, fifty or more homosexuals who would have to be described as "nelly", rushed the cops and took the boy back into the crowd. They then formed a solid front and refused to let the cops into the crowd to regain their prisoner, letting the cops hit them with their sticks, rather than let them through.

(It was an interesting sidelight on the demonstrations that those usually put down as "sissies" or "swishes" showed the most courage and sense during the action. Their bravey and darinf saved many people from being hurt, and their sense of humour and "gamp" helped keep the crowds from getting nasty or too violent.

The cops gave up on the idea of taking prisoners, and concentrated on clearing the area. They rushed both ways on Greenwich, forcing the crowds into 10th Street and 6th Avenue, where the people circled the blocks and re-entered Christopher. They the cops formed a flyingwedge, and with arms linked, headed down Greenwich, forcing everone in front of them into side streets. Cops on the ends of the wedge broke off and chased demonstrators down the side streets and away from the center of the action.

They made full use of their night sticks, brandishing them like swords. At one point a cop grabbed a wild Puerto Rican queen and lifted his arm to bring a club down on "her"



[68]

The first pride was a RIOT

[Img. 64]



Da mesma maneira que rusgas policiais a bares e espaços *queer*, particularmente nos Estados Unidos da América, eram frequentes, também a resposta por parte de pessoas *queer* era. Mas não foi até ao dia 28 de junho de 1969 que uma destas rusgas se tornou histórica. O bar noturno Stonewall Inn, em Nova Iorque, sofreu uma intervenção policial que disparou uma revolta que durou seis dias. Esta revolta foi um culminar de décadas de opressão e violência com pessoas LGBTQIA+ e marcou a história da comunidade para sempre[44].

Esta data é celebrada mundialmente todos os anos marcando, a partir de então, o Dia do Orgulho LGBTQIA+.

[Imgs. 65↔66]



A utilização do termo «revolta» é intencional e político. A ofensiva policial refere-se às rusgas como «protestos», colocando a culpa na defensiva *queer* e justificando, assim, a força utilizada contra a comunidade.

▲ *<<It was a rebellion, it was an uprising, it was a civil rights disobedience—it wasn't no damn riot.>>*
— Stormé DeLarverie

[Img. 67]



The Hairpin Drop Heard Around the World é um dos relatos em primeira mão mais conhecidos da noite no Stonewall Inn. Foi a partir deste momento que a comunidade (ou as várias comunidades) viram os seus esforços a criarem uma presença imperativa e histórica, impulsionando novas formas de organização coletivas, através de encontros sociais e manifestações.

A Revolta de Stonewall abriu portas para uma segurança, mobilização e solidariedade coletiva que até ao momento parecia inalcançável.

▲ *<Hairpin drop> era uma gíria usada para dar a entender, de forma subtil, que se ia ouvir*

[Img. 68]



A epidemia do VIH/SIDA mudou a história da resistência *queer* para sempre: uma catástrofe para a saúde pública que obrigou a delinear novas táticas de organização entre a comunidade, a lutar pela sobrevivência e a desmantelar o poder político dominante.

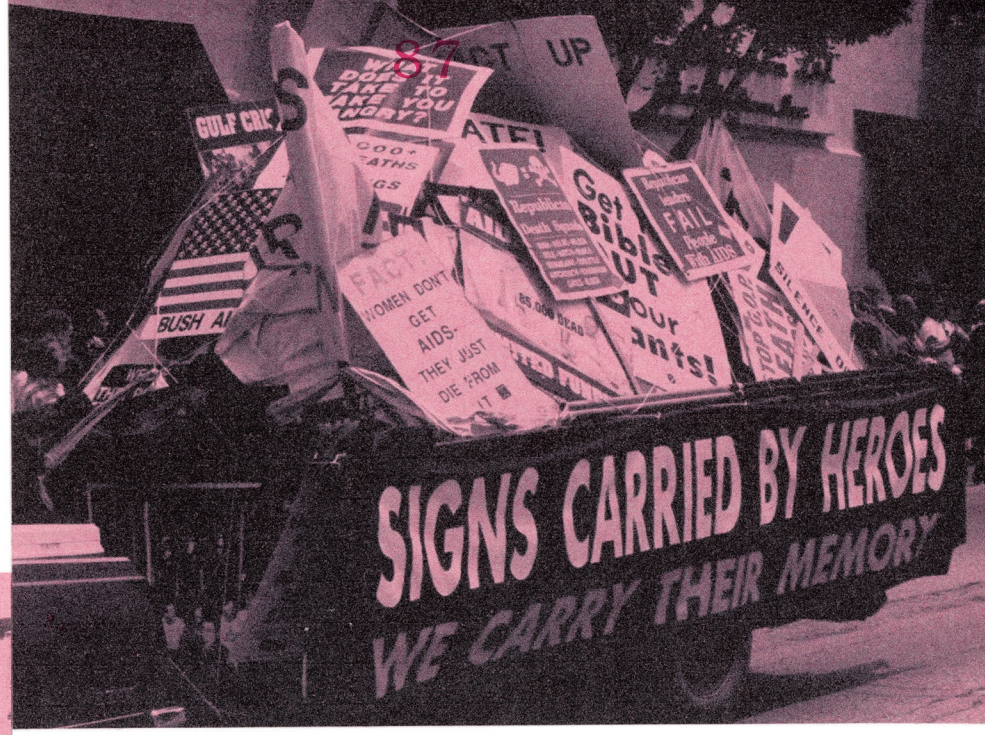
A AIDS Coalition To Unleash Power (ACT UP) é, nas suas próprias palavras, um *<<*grupo diversificado e apartidário de indivíduos, unidos pela indignação e empenhados na ação direta para pôr fim à crise da SIDA[45]*>>* e foi o projeto mais imperativo para a consciencialização social e pública em relação ao VIH/SIDA perante a população.


STONEWALL INN

[69]

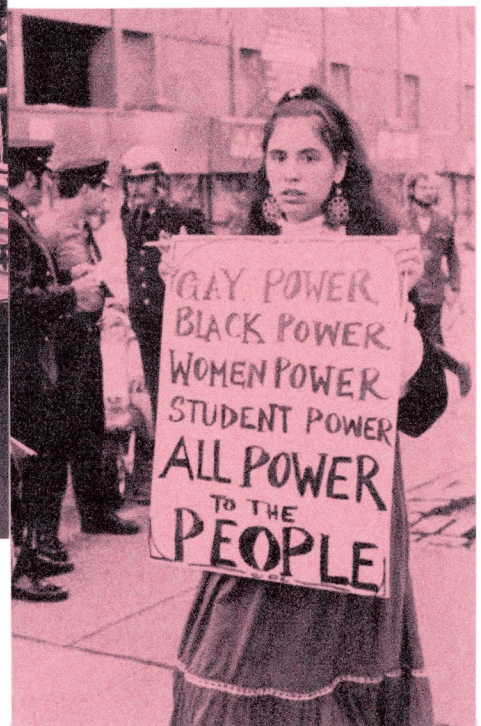

STONEWALL MEANS
FIGHT BACK! SMASH
GAY OPPRESSION!
GAY IS A
POLICE BOY

[70]


SIGNS CARRIED BY HEROES
WE CARRY THEIR MEMORY
FACT
WOMEN DON'T GET AIDS-
THEY JUST DIE FROM IT

[72]

[71]


GAY POWER
BLACK POWER
WOMEN POWER
STUDENT POWER
ALL POWER
TO THE
PEOPLE



[73]



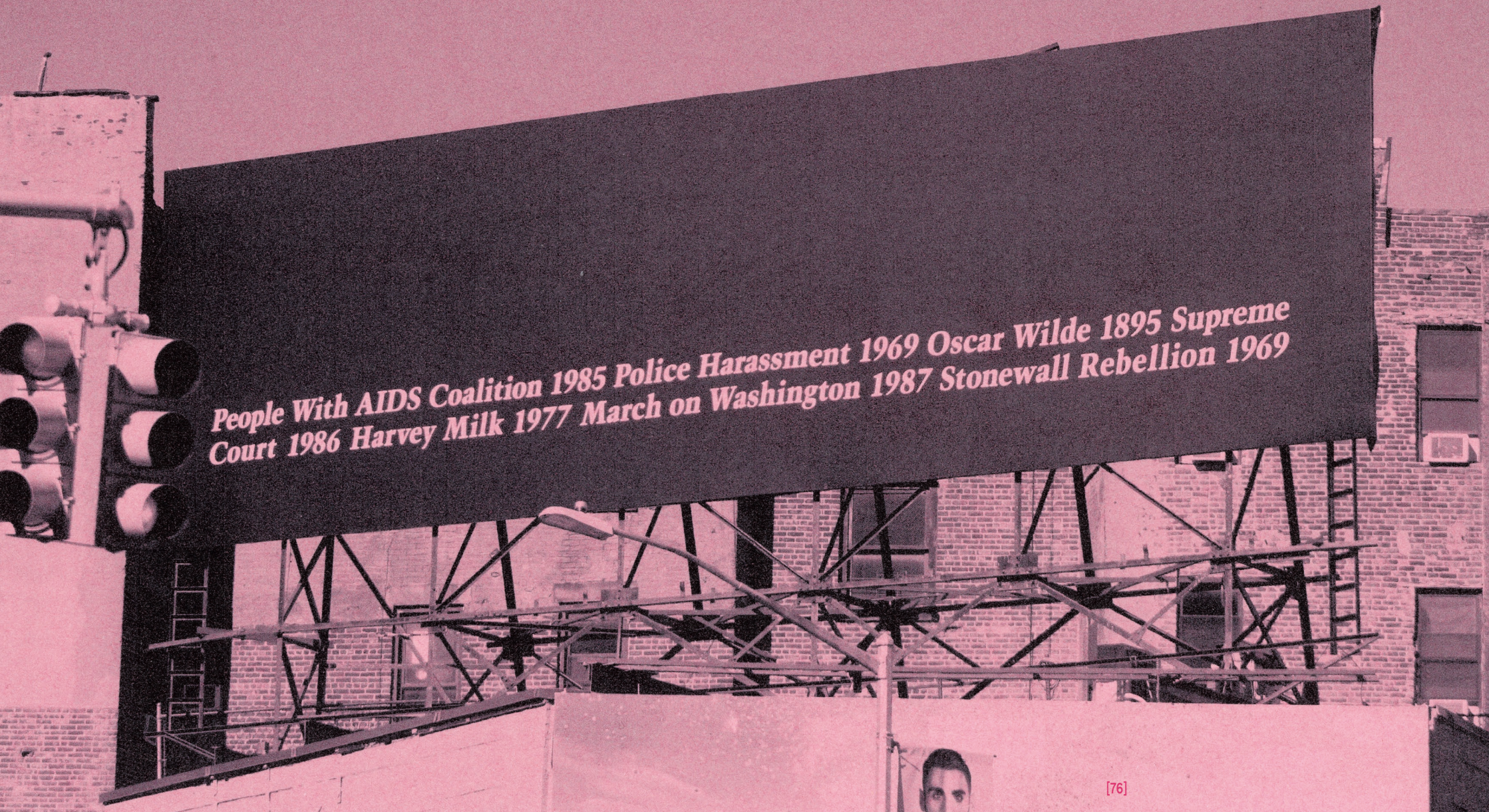
[74]

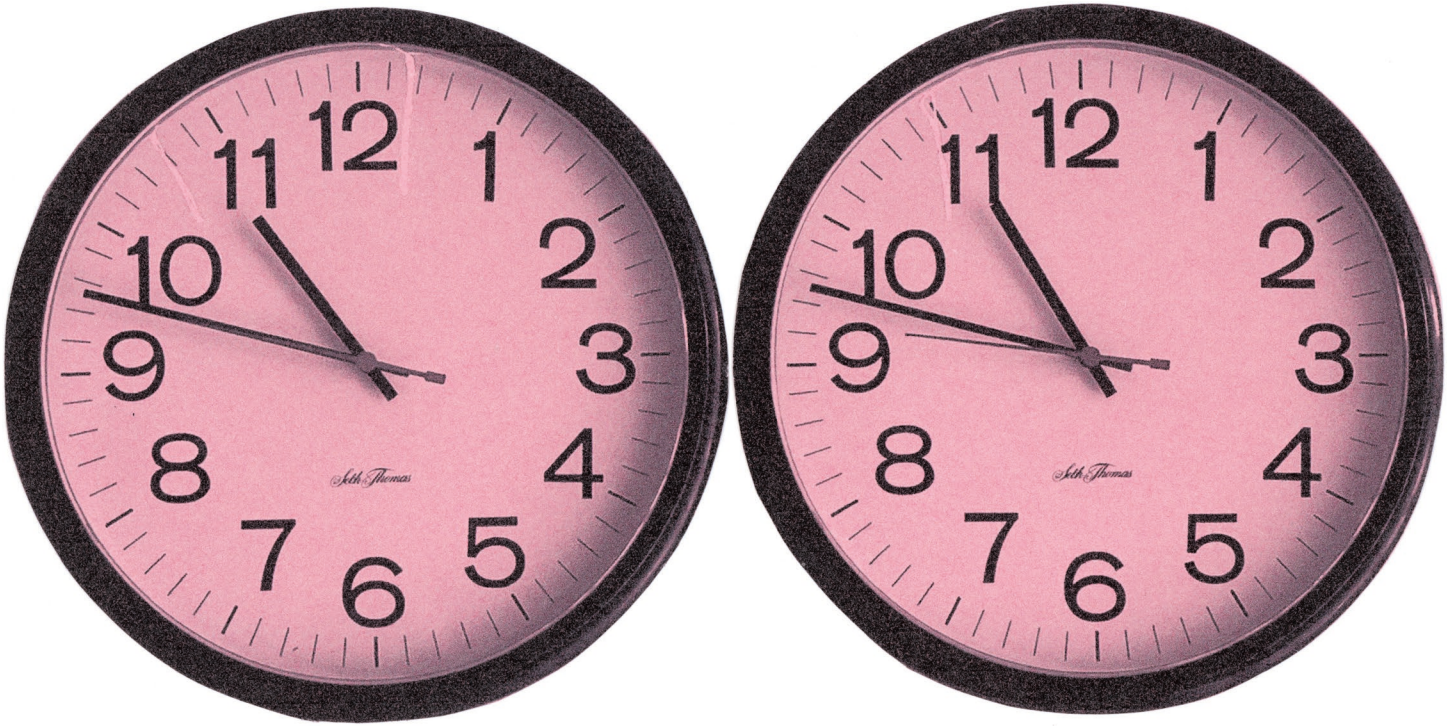


[75]

I may be... **You all better quiet down**. I've been trying to get up here all day for your gay brothers and your gay sisters in jail that write me every motherfucking week and ask for your help, and you all don't do a goddamn thing for them. Have you ever been beaten up and raped in jail? Now think about it. They've been beaten up and raped after they've had to spend much of their money in jail to get their self home and to try to get their sex changes. [...] I have been to jail. I have been raped and beaten. **Many times**. By men, heterosexual men that do not belong in the homosexual shelter. But, do you do anything for me? No. You tell me to go and hide my tail between my legs. I will not put up with *this* shit. **I have been beaten. I have had my nose broken. I have been thrown in jail. I have lost my job. I have lost my apartment for gay liberation and you all treat me this way? What the fuck's wrong with you all?** Think about that! I do not believe *in* a revolution, but you all do. I believe in the Gay Power. I believe in us getting our rights, or else I would not be out there fighting for our rights. That's all I wanted to say to you people.

Excerto do discurso *Y'all better quiet down*, de Sylvia Rivera.
Christopher Street Liberation Day Rally, 24 de junho de 1973.


People With AIDS Coalition 1985 Police Harassment 1969 Oscar Wilde 1895 Supreme
Court 1986 Harvey Milk 1977 March on Washington 1987 Stonewall Rebellion 1969


12
1
2
3
4
5
6
7
8
9
10
11
Seth Thomas
12
1
2
3
4
5
6
7
8
9
10
11
Seth Thomas

[77]



[Img. 70]

Com a conquista da Revolta de Stonewall e da consciencialização social para a opressão das identidades *queer* conseguiu-se formar uma comunidade. A comunidade LGBTQIA+ é, assim, um conceito abstrato que consegue, simultaneamente, demarcar um espaço seguro global, um sentimento de pertença a um grupo que não se cinge ao espaço físico ou aos seus pares, mas que se expande e permanece em perpétuo crescimento.



[Img. 69]
Fachada do Stonewall Inn, Greenwich Village, Nova Iorque.

[Img. 71]

As identidades dissidentes juntam-se e a luta para os «direitos gay» passou a ser interseccional. Estas minorias não só formam o acrónimo LGBTQIA+ como o conhecemos hoje, como também se extendem fora disso. A luta torna-se inerentemente antifascista, antissistémica, feminista, antirracista, anti-imperialista, anticolonialista e





[Img. 73]
As duas mulheres trans na linha da frente da luta pelos direitos LGBTQIA+ nos Estados Unidos da América: Marsha P. Johnson e Sylvia Rivera.

[Img. 74]

Ao contrário do que se discute coloquialmente, Marsha P. Jonhson não foi «a primeira mulher a atirar um tijolo em Stonewall», na verdade, Johnson nem esteve presente nos confrontos da primeira noite. No entanto, umas das mulheres constantemente esquecidas no desenrolar dos eventos de 28 de junho de 1969 foi Stormé DeLarverié. Mulher lésbica birracial, DeLarverié é considerada a primeira pessoa a defender a multidão da força policial.



Após sair de um espetáculo do Jewel Box Revue, no Apollo Theatre, onde atuou durante mais de uma década, DeLarverié quis confirmar se amigues sues que pudessem estar envolvidos se encontravam bem. <<Um polícia, que pensou que Stormé era um homem, disse: *Move along, faggot*, e quando Stormé se recusou, bateu-lhe por trás, ferindo-lhe o olho. Stormé reagiu virando-se e deixando-o inconsciente com um soco antes de se ir embora. Ela foi para casa tratar do olho, contactou um advogado e voltou com dinheiro, para o caso de poder pagar a fiança de algum des sues amigues.[46] >>

[Img. 75]

Imagem de Venus Xtravaganza, retirada do filme *Paris Is Burning*. Venus foi uma mulher trans que integrou a cultura ballroom aos 18 anos, quando Hector Valle, fundador da House of Xtravaganza lhe fez um convite[47]. Durante as gravações de *Paris Is Burning*, Venus Xtravaganza foi misteriosamente assassinada. As cenas finais do filme mostram a *house mother* Angie Xtravaganza a reagir à notícia. Minutos antes, no mesmo filme, Venus conta a história de como escapou uma situação de quase morte com um homem com quem se envolveu após este ter percebido que Venus era uma mulher trans.[48] Desconfia-se que o seu assassinato tenha acontecido com um caso semelhante, apesar do assassino nunca ter sido encontrado. Venus Xtravaganza é relembrada como um ícone da comunidade LGBTQIA+.



[Img. 76]

O tempo é um fio condutor fulcral no trabalho de Félix González-Torres e apresento-o nesta investigação como um dos exemplos mais importantes da era contemporânea no que se refere à cronologia desfragmentada da história *queer*. As obras «dateline» de González-Torres compilam «listas de várias datas, apresentadas em ordem aleatória e intercaladas com nomes de figuras sociais e políticas e referências a artefactos culturais ou acontecimentos mundiais, muitos dos quais relacionados com a história política e cultural».[49]

A obra de González-Torres relembra-nos que decisões e acontecimentos culturais e sociais influenciam diretamente a nossa experiência pessoal no mundo, especialmente como pessoas queer que navegam uma sociedade que nos maltrata e aliena.



[Img. 77]

A obra de González-Torres que mais diretamente reflete sobre o tempo é *Untitled (Perfect Lovers)*, uma instalação de dois relógios idênticos que se tocam, alimentados a pilhas, ajustados para a mesma hora, que com o passar do tempo, acabam por se dessincronizar. Na eventualidade de um deles parar ou avariar, são ambos reiniciados de modo a voltar à sincronização perfeita.[50]

«Two clocks side by side are much more threatening to the powers that be than an image of two guys sucking each other's dicks because they cannot use me as a rallying point in their battle to erase meaning. It is going to be very difficult for members of Congress to tell their constituents that money is being expended for the promotion of homosexual art when all they have to show are two plugs side by side or two mirrors side by side.»[51]



O artista obriga-nos a parar e a compreender a volatilidade da vida de mãos dadas com a velocidade do tempo, demonstrando-se grato: González-Torres teme os relógios, mas enfrenta-os , estes têm sido perigosos, mas generosos. González-Torres perdeu o amor da sua vida, mas viveu-o. [Apd. X]

Refere a escritora Alina Ştefanescu acerca da obra, «os monstros fazem tique-taque na minha mente; para mim, o som dos cronómetros ou das contagens decrescentes sempre esteve associado a bombas e à morte. Ouço uma contagem decrescente e vejo um fim. Os relógios de González-Torres conhecem esse tique-taque—não fogem ao tempo. Poder-se-ia até supor que *Untitled (Perfect Lovers)* destrói o tempo.» [52]

REFERÊNCIAS

①

Tradução livre. Leon, Alexander. [@alexand_erleon]. (7 de janeiro de 2020). *Queer people don't grow up as ourselves, we grow up playing a version of ourselves that sacrifices authenticity to minimise humiliation & prejudice. The massive task of our adult lives is to unpick which parts of ourselves are truly us & which parts we've created to protect us.* [Post]. X. https://x.com/alexand_erleon

②

Tradução livre. Safo. (Séc. VI–VII d.C.). *Fragmento 94*. Tradução do grego antigo para inglês por Gillian Spraggs, consultado em agosto de 2026, em http://www.gilliansprages.com/translations/sappho94.html

③

Tradução livre. Thorsen, T. S., & Harrison, S. (2018). *Roman Receptions of Sappho*. Oxford University Press.

④

portrait head | British Museum. The British Museum. Consultado em agosto de 2026, em https://www.britishmuseum.org/collection/object/G_1879-0712-6

⑤

Poetry Foundation. (2019). *Sappho*. Poetry Foundation. Consultado em agosto de 2026, em https://www.poetryfoundation.org/poets/sappho

⑥

Smithsonian Journeys. (20 de maio de 2020). *What happened to the Sphinx's nose?* Smithsonian Journeys. Consultado em agosto de 2026, em https://web.archive.org/web/20220120222152/https://www.smithsonianjourneys.org/blog/photo-what-happened-to-the-sphinxs-nose-180950757/

⑦

Autoria desconhecida. (n.d.) *A vehicle for expression and the re-writing of myth: Michael Field's reception of Sappho in 'Long Ago'*. St Hugh's College, University of Oxford. Consultado em agosto de 2026, em https://www.st-hughs.ox.ac.uk/wp-content/uploads/2023/02/MR-Essay-5.pdf

⑧

Allington-Wood, Thalia. (Fevereiro de 2008). "COMMENTARY: "Sappho" by Charles August Mengin (1877)". *Allington-Wood's Words*. Consultado em agosto de 2026, em https://allingtonwoodswords.blogspot.com/2011/07/commentary-sappho-by-charles-august.html

⑨

Tradução livre. Pretzman, Natalie. (17 de setembro de 2020). "Sappho's Queer Spaces: An Analysis of Simeon Solomon's Sappho and Erinna in a Garden at Mytilene". *My Own Microcosmos*. Consultado em agosto de 2026, em https://nararouge.com/drunk-on-art/academic-papers/sapphos-queer-spaces/

①⓪

Tradução livre. C. Ferrari, Roberto., & Conroy, Carolyn. (n.d.). *Simeon Solomon Biography*. Simeon Solomon Research Archive. Consultado em março de 2026, em https://www.simeonsolomon.com/simeon-solomon-biography.html

①①

Insert. (n.d.). Curtas.PT. Consultado em agosto de 2026, em https://agencia.curtas.pt/filmes/show/263

①②

Tomé, Joana. (2020). "Memograma / Insert de Filipa César: a margem enquanto cartografia da resistência, transgressão e memória lésbicas." *Revista Estúdio, Artistas Sobre Outras Obras.*, *11*(30), abril–junho, 93–100.

①③

Ibidem.

①④

Brandão, Ana Maria, & Machado, Tânia Cristina. (2015). Organa: The First Portuguese Lesbian Magazine. *Journal of Homosexuality*, *63*(4), 575–599.

①⑤

Myles, Eileen. (2015). Interview with Eileen Myles (Morgan Parker, Entrevistadora) [Entrevista]. *The Literary Review.* Consultado em agosto de 2026, em https://web.archive.org/web/20210122035139/https:/www.theliteraryreview.org/book-review/interview-with-eileen-myles/

①⑥

Vivinetto, Gina. (15 de junho de 2015). *Rapper Mykki Blanco reveals HIV-Positive status*. Advocate.Com. Consultado em agosto de 2026, em https://www.advocate.com/music/2015/6/15/rapper-mykki-blanco-reveals-hiv-positive-status

①⑦

Mykki Blanco. (23 de agosto de 2017). Office Magazine. Consultado em agosto de 2026, em https://officemagazine.net/interview/mykki-blanco

①⑧

Kozlowska, Hanna. (26 de janeiro de 2018). *Why is Instagram censoring a 1992 poem revered by the LGBTQ community?* Quartz. Consultado em agosto de 2026, em https://qz.com/1190263/why-is-instagram-censoring-zoe-leonards-poem-from-1992

①⑨

União Libertária [@ uniao_libertaria_pt]. (20 de maio de 2024). *[Partilha] O Observador está há dez anos contra a transformação social (...)* [Vídeo]. Instagram. https://www.instagram.com/p/C7LyWufMQuE/

②⓪

Franco, Carolina. (2 de abril de 2022). *Rua Gisberta Salce Júnior: dar à história o que não se deu à vida*. Gerador. Consultado em agosto de 2026, em https://gerador.eu/rua-gisberta-salce-junior-dar-a-historia-o-que-nao-se-deu-a-vida/

②①

Ibidem.

②②

Caldas Moreira, Bruna. (25 de junho de 2024). *A Rua Gisberta Salce Júnior – uma homenagem do Porto*. Jornal Universitário Do Porto. Consultado em agosto de 2026, em https://www.jup.pt/mundo-novo/sociedade-mundo-novo/artigo/a-rua-gisberta-salce-junior-uma-homenagem-do-porto.aspx

②③

Remembering Our Dead – Statistics. (n.d.). Remembering Our Dead. Consultado em agosto de 2026, em https://tdor.translivesmatter.info/pages/stats.

②④

TGEU. (2025). *A Monitorização de Homicídio Trans da TGEU de 2025 revela uma nova tendência em violência anti-trans: Sistematicamente fazer de alvo a activistas e líderes de movimentos*. TGEU – Transgender Europe and Central Asia. Consultado em agosto de 2026, em https://tgeu.org/a-monitorizacao-de-homicidio-trans-da-tgeu-de-2025-revela-uma-nova-tendencia-em-violencia-anti-trans-sistematicamente-fazer-de-alvo-a-activistas-e-lideres-de-movimentos/

②⑤

About. (n.d.). LGB Alliance UK. Consultado em agosto de 2026, em https://lgballiance.org.uk/about/

②⑥

Aliança LGB Portugal. (n.d.). Aliança LGB Portugal. Consultado em agosto de 2026, em https://www.aliancalgb.pt/

②⑦

The Charity Commission. (2021). *Charity Commission confirms registration of LGB Alliance*. GOV.UK. Consultado em agosto de 2026, em https://www.gov.uk/government/news/charity-commission-confirms-registration-of-lgb-alliance

②⑧

Hart, Aimee. (2026). *Twitch removes LGB Alliance from charity list*. Gayming Magazine. Consultado em agosto de 2026, em https://gaymingmag.com/2022/12/twitch-removes-lgb-alliance-from-charity-list/

②⑨

Whistles, Dusty. (22 de janeiro de 2023). *O casting transfake é transfóbico!* Público. Consultado em agosto de 2026, em https://www.publico.pt/2023/01/22/culturaipsilon/opiniao/casting-transfake-transfobico-2035997

③⓪

Colling, Leandro, & Manuel de Oliveira, João. (2026). *Vista do Enquadrando a "violência" trans: Keyla Brasil no Teatro S. Luiz, Lisboa*. Urdimento – Revista de Estudos Em Artes Cênicas. Consultado em agosto de 2026, em https://periodicos.udesc.br/index.php/urdimento/article/view/25456/17496

③①

Finkelstein, Avram. (13 de julho de 2016). «After Orlando, the Iconic Silence = Death Image Is Back. Meet One of the Artists Who Created It». (J. Emmerman, Entrevistador) [Entrevista]. *Slate*. Consultado em agosto de 2026, em https://slate.com/human-interest/2016/07/silence-death-artist-avram-finkelstein-on-history-of-queer-art-and-activism.html

③②

Tradução livre. Cotter, Holland. (11 de dezembro de 2010). As Ants Crawl Over Crucifix, Dead Artist Is Assailed Again. *The New York Times*. Consultado em agosto de 2026, em https://www.nytimes.com/2010/12/11/arts/design/11ants.html

③③

1987: Fire in My Belly. (2023). The David Wojnarowicz Foundation. Consultado em agosto de 2026, em https://wojfound.org/timeline_event/1987-fire-in-my-belly/

③④

Tradução livre. Cotter, Holland. (2010, December 11). As Ants Crawl Over Crucifix, Dead Artist Is Assailed Again. *The New York Times*. Consultado em agosto de 2026, em https://www.nytimes.com/2010/12/11/arts/design/11ants.html

③⑤

Tradução livre. Cotter, Holland. (11 de dezembro de 2010). As Ants Crawl Over Crucifix, Dead Artist Is Assailed Again. *The New York Times*. Consultado em agosto de 2026, em https://www.nytimes.com/2010/12/11/arts/design/11ants.html

③⑥

One Day This Kid - David Wojnarowicz Knowledge Base. (4 de abril de 2017). Artistarchives.hosting.nyu.edu. Consultado em agosto de 2026, em https://artistarchives.hosting.nyu.edu/DavidWojnarowicz/KnowledgeBase/index.php/One_Day_This_Kid.html

③⑦

Ibidem.

③⑧

Tradução livre. Garbacik, Jaimee, & Lewis, Jeffrey. (2013). *Gender & sexuality for beginners*. For Beginners.

③⑨

Milk Foundation. (n.d.) *The Official HARVEY MILK Biography*. Milk Foundation. Consultado em agosto de 2026, em https://milkfoundation.org/about/harvey-milk-biography/

④⓪

Ibidem.

④①

Reuters. (3 de junho de 2025). *Marinha dos EUA vai mudar o nome de navio baptizado com o nome de Harvey Milk*. Público. Consultado em agosto de 2026, em https://www.publico.pt/2025/06/03/mundo/noticia/marinha-eua-vai-mudar-nome-navio-baptizado-nome-harvey-milk-2135452

④②

Colangelo, Gabrielle. (2022). *Lesbian AIDS Activism*. Yale University Library. Consultado em agosto de 2026, em https://onlineexhibits.library.yale.edu/s/we-are-everywhere/page/lesbian-aids-activism

④③

Cunha-Oliveira, Aliete, Cunha-Oliveira, José, Massano Cardoso, Ilda, Rui Pita, João & Massano Cardoso, Salvador. (Janeiro de 2011). A História Recente do VIH/SIDA em Portugal - 30 Anos de Epidemia. *Livro de Atas do Congresso Luso--Brasileiro da História das Ciências*.

④④

Library of Congress. (2019). *Research Guides: LGBTQ+ Studies: A Resource Guide: Stonewall Era and Uprising*. Guides.loc.gov; Library of Congress. Consultado em agosto de 2026, em https://guides.loc.gov/lgbtq-studies/stonewall-era

④⑤

Tradução livre. Schulman, Sarah. (2021). *Let the Record Show: A Political History of ACT UP New York, 1987-1993*. (1ª ed.). Farrar, Straus and Giroux.

④⑥

Who's Storme? (n.d.). Storme DeLarverie. Consultado em agosto de 2026, em https://www.storme-delarverie.com/who-s-storme

④⑦

Livingston, Jennie (Realizadora) (1990). *Paris Is Burning* [Filme]. Off-White Productions.

④⑧

Ibidem.

④⑨

Guggenheim. (2019). Felix Gonzalez-Torres. The Guggenheim Museums. https://www.guggenheim.org/artwork/artist/felix-gonzalez-torres

⑤⓪

MoMA. (2019). *Felix Gonzalez-Torres. "Untitled" (Perfect Lovers). 1991*. The Museum of Modern Art. https://www.moma.org/collection/works/81074

⑤①

Ştefănescu, Alina. (29 de janeiro de 2025). Félix González-Torres and love's time. alina Ştefănescu. https://www.alinastefanescuwriter.com/blog/2024/6/11/flix-gonzlez-torres-and-loves-time

⑤②

Ibidem.

ÍNDICE DE IMAGENS

[1]
Safo. Livro V, Fr. 92–97 V. (Séc. VI–VII d.C.) Berliner Papyrusdatenbank.

[2]
Busto de Safo. (n.d.). Cópia romana de um original grego. Wikimedia. https://commons.wikimedia.org/wiki/File:Sappho_bust.jpg

[3]
Vaso com retratos de Safo e Alceu de Mitilene. (Séc. V a.C). Wikimedia. https://commons.wikimedia.org/wiki/File:Brygos_Painter_ARV_385_228_Alkaios_and_Sappho_-_Dionysos_and_maenad_(06).jpg

[4]
Fresco de retrato atribuído a Safo, encontrado na cidade de Pompeia, Museo Archeologico di Napoli. (55–79 d.C). Wikimedia. https://commons.wikimedia.org/wiki/File:Portrait_d%27une_jeune_femme,_dite_Sappho.jpg

[5]
Moedas em cobre com o perfil de Safo num verso e uma lira no outro, utilizadas no Império Romano. (Séc. II d.C). British Museum. https://www.britishmuseum.org/collection/object/C_BNK-G-510

[6]
Charles Mengin. *Sappho*. (1877). Óleo sobre tela. 230,7 × 151,1 cm. Manchester Art Gallery.

[7]
Simeon Solomon. *Sappho and Erinna in a Garden at Mytilene*. (1864). Aguarela sobre papel. 33 × 38,1 cm. Tate Britain.

[8↔14]
Filipa César. *INSERT*. (2010). Filme 16 mm. Coleção Filipa César.

[15]
Revista Lilás. (Junho de 1993). N.º 2. p. 1. Arquivo Sérgio Vitorino – Hemeroteca de Lisboa/Biblioteca Nacional.

[16]
Revista Zona Livre. (Maio de 1998). N.º 5. p. 9. Arquivo Sérgio Vitorino – Hemeroteca de Lisboa/Biblioteca Nacional.

[17]
Revista Organa. (1990). N.º 1. p. 24. Arquivo Sérgio Vitorino – Hemeroteca de Lisboa/Biblioteca Nacional.

[18]
Capa da revista Gays & Lésbicas, no seu último número apenas como Gay. (11 de maio de 2001). N.º 18. Arquivo Sérgio Vitorino – Hemeroteca de Lisboa/Biblioteca Nacional.

[19]
Capa da revista Gays & Lésbicas. (18 de maio de 2001). N.º 19. Arquivo Sérgio Vitorino – Hemeroteca de Lisboa/Biblioteca Nacional.

[20]
Zoe Leonard. *I want a president*. (1992/2018). Tinta sobre papel de casca de cebola. 27,9 × 21,6 cm. Ed. 57/100, 10 P.A. Whitney Museum of American Art.

[21]
Dazed. (4 de outubro de 2016). *Mykki Blanco recites 'I want a dyke for president' – A film by Adinah Dancyger* [Video]. YouTube. https://www.youtube.com/watch?v=y6DgawQdSlQ

[22↔24]
Kozlowska, Hanna. (26 de janeiro de 2018). *Why is Instagram censoring a 1992 poem revered by the LGBTQ community?* Quartz. Consultado em agosto de 2026, em https://qz.com/1190263/why-is-instagram-censoring-zoe-leonards-poem-from-1992

[25]
Post de instagram de Mykki Blanco (@mykkiblanco), entrentanto apagado pelo utilizador. Publicado a 17 de janeiro de 2026, capturado a 19 de abril de 2026.

[26]
União Libertária [@ uniao_libertaria_pt]. (20 de maio de 2024). *[Partilha] O Observador está há dez anos contra a transformação social (...)* [Vídeo]. Instagram. https://www.instagram.com/p/C7LyWufMQuE/

[27]
Retrato de Gisberta Salce Júnior. Autoria e fonte desconhecidas. Imagem obtida em https://gerador.eu/rua-gisberta-salce-junior-dar-a-historia-o-que-nao-se-deu-a-vida/

[28]
Retrato de Gisberta Salce Júnior. Autoria desconhecida. Arquivo Panteras Rosa.

[29]
Retrato de Gisberta Salce Júnior. Autoria e fonte desconhecidas. Imagem obtida em https://gerador.eu/rua-gisberta-salce-junior-dar-a-historia-o-que-nao-se-deu-a-vida/

[30]
Fotografia de identificação de Gisberta Salce Júnior. Autoria desconhecida. Arquivo Panteras Rosa.

[31↔38]
Montagem ilustrativa com capturas de vídeo pessoal. (2026). Imagens obtidas através do Google Maps.

[39]
Montagem ilustrativa com capturas de vídeo pessoal. (2026).

[40]
Imagem de protesto no Brasil. (n.d.). Autoria desconhecida. LinkedIn. https://pt.linkedin.com/posts/fernandes-nathalia_transfobia-96-das-pessoas-trans-assassinadas-activity-6963227438742921216-hLHu

[41]
«Sua transfobia mata». (n.d.). Mídia Ninja. https://midianinja.org/brasil-e-o-pais-que-mais-mata-pessoas-trans-pelo-14o-ano-consecutivo/

[42]
G1. (29 de janeiro de 2020). *"Sou trans, você me abraçaria?": ação conquista mais de 100 abraços pelas ruas no Dia da Visibilidade Trans*. G1. https://g1.globo.com/rj/regiao-dos-lagos/noticia/2020/01/29/sou-trans-voce-me-abracaria-acao-conquista-mais-de-100-abracos-pelas-ruas-no-dia-da-visibilidade-trans.ghtml

[43]
JN/Agências. (29 de março de 2026). *"Protejam as crianças trans," gritou-se em Lisboa, contra medidas "medievais"*. Fotografia de Manuel de Almeida/Lusa. Jornal de Notícias. https://www.jn.pt/pais/artigo/protejam-as-criancas-trans-gritou-se-em-lisboa-contra-medidas-medievais/18067545

[44]
Estatística do website Remembering Our Dead. (2026). https://tdor.translivesmatter.info/reports?from=2025-04-10&to=2026-04-10&country=all&category=all&view=map&filter=

[45]
Colagem criada pelo website Remembering Our Dead das vítimas de transfobia de 2025. (2025). https://tdor.translivesmatter.info/pages/downloads

[46]
Stacy, Cassandra. (13 de julho de 2023). *Free speech rules*. LGB Alliance UK. https://lgballiance.org.uk/free-speech-rules/

[47]
Gráfico anti-LGB Alliance. Hart, Aimee. (13 de dezembro de 2022). *Twitch removes LGB Alliance from charity list.* Gayming Magazine. https://gaymingmag.com/2022/12/twitch-removes-lgb-alliance-from-charity-list/

[48↔49]
Intervenção de Keyla Brasil na peça Tudo sobre a minha mãe, no Teatro São Luiz. Fado Bicha [@fadobicha]. (20 de janeiro de 2023). Fizemos uma ação direta ontem no Teatro Municipal S. Luiz, durante a apresentação da peça "Tudo sobre a minha mãe", assim que o ator André Patrício entra, em transfake. (...) [Vídeo]. Instagram. https://www.instagram.com/

[50]
The Silence = Death Project (Finkelstein, Avram; Howard, Brian; Johnston, Oliver; Kreloff, Charles; Lione, Chris & Socárras, Jorge=. (1987). *Silence = Death* [Cartaz]. https://americanhistory.si.edu/collections/object/nmah_1051178

[51↔53]
David Wojnarowicz. *A Fire in My Belly (A Work in Progress)*. (1986–1987). Filme 8 mm, filme 16 mm. The David Wojnarowicz Papers in The Downtown Collection, Fales Library & Special Collections, New York University.

[54]
David Wojnarowicz durante um protesto em frente às imediações da US Food and Drug Administration. McKim, Chris. (Realizador). (2020). *Wojnarowicz* [Documentário].

[55]
David Wojnarowicz in 1988. (1988). Fotografia de William Dobbs.

[56]
Protesters demonstrate in New York against the Smithsonian Institute pulling the David Wojnarowicz video. (19 de dezembro de 2010). Fotografia de Frances M. Roberts. Imagem obtida em https://www.alamy.com/stock-photo-protesters-demonstrate-in-new-york-against-the-smithsonian-institute-33601224.html

[57]
David Wojnarowicz. *Untitled (One Day This Kid...)*. (1990). Fotocópia montada em cartolina e papel. 75.7 × 101.9 cm. Ed. de 10. Estate of David Wojnarowicz; P.P.O.W, New York.

[58]
Shanti staff counselor Mesha Irizarry comforts 5a patient Lee Bossel. (1993). Shanti Records, The Gay, Lesbian, Bisexual, and Transgender Historical Society.

[59]
Epstein, Rob. (Realizador). (1984). *The Times of Harvey Milk* [Documentário]. TC Films International.

[60↔61]
The Lambda Archives of San Diego. (n.d.). Flickr. https://www.flickr.com/photos/lambdaarchives/

[62↔63]
Blood Sisters: The Lambda Archives of San Diego. (1983). Fotografias de Jeri Dilno. Flickr. https://www.flickr.com/photos/lambdaarchives/

[64]
Revolta contra a força policial no Stonewall Inn, Nova Iorque. (1969). Autoria desconhecida.

[65]
A única fotografia de que há registo dos primeiros confrontos na noite de 28 de junho de 1969, no Stonewall Inn, Nova Iorque. (1969). Fotografia de Joseph Ambrosini.

[66]
Revolta contra a força policial no Stonewall Inn, Nova Iorque. (1969). Fotografia de Bettye Lane.

[67]
Leitsch, Dick. (1969). *The Hairpin Drop Heard Around the World*. Stonewall: Riot, Rebellion, Activism and Identity. LGBT Community Center National History Archive. Bob Kohler Collection #110. https://stonewallhistory.omeka.net/items/show/31

[68]
ACT UP at the New York City Pride March in 1989. (1989). Fotografia por T. L. Litt. https://www.theatlantic.com/books/archive/2021/11/sarah-schulman-let-record-show-aids-activism/620753/

[69]
The Stonewall Inn in 1969. (1969). Autoria desconhecida. Wikimedia. https://commons.wikimedia.org/wiki/File:LgStonewall_1969.jpg

[70]
«Stonewall means fight back! Smash gay oppression!», protestos da Gay Caucus of Youth Against War and Fascism, em Nova Iorque. (c. 1970). Fotografia de Leonard Fink. The LGBT Community Center National History Archive.

[71]
«Gay Power, Black Power, Women Power, Student Power, All Power to the People», Daria Fane numa manifestação pela defesa dos direitos humanos em Weinstein Hall, Nova Iorque. (5 de outubro de 1970). Fotografia de Diana Davies.

[72]
Los Angeles Pride, «Signs Carried By Heroes - We Carry Their Memory», Trailer full of protest signs once carried by those who have deceased. (1993). Autoria desconhecida. The Lambda Archives of San Diego. Flickr. https://www.flickr.com/photos/lambdaarchives/49774637222/

[73]
Marsha P. Jonhson e Sylvia Rivera com o grupo Street Transvestite and Action Revolutionaries (S.T.A.R.), durante a Christopher Street Liberation Day, em Nova Iorque. (24 de junho de 1973). Fotografia de Leonard Fink. National History Archives of the Lesbian, Gay, Bisexual & Transgender Community Center. Flickr. https://www.flickr.com/photos/57936393@N05/32683428707/

[74]
Retrato de Stormé DeLarverié (n.d.). Fotografia de Avery Willard. StorméDeLarverié.com. https://www.storme-delarverie.com/gallery

[75]
Venus Xtravaganza na rodagem do filme *Paris is Burning*. Jennie Livingston. *Paris is Burning*. (1990). Longa-metragem. Off-White Productions.

[76]
Félix González-Torres. *Untitled*. (1989). Cartaz publicitário. Dimensões variáveis segundo a instalação. Instalado durante a New York City LGBTQ Pride March, junto ao Stonewall National Monument, em 2019. The Felix Gonzalez-Torres Foundation. Wikimedia.

[77]
Félix González-Torres. *Untitled (Perfect Lovers)*. (1987-1990). Instalação. Dimensões variáveis. Imagem da exposição *Iconoclasts: Selections from Glenstone's Collection*, Maryland, 2023. Wikimedia.

A IMAGEM E NÃO-IMAGEM
DA CENSURA QUEER
Invisibilidades e autocensura dentro da comunidade LGBTQIA+

Dossier Primeiro de três
Um ensaio de Luís Lopes

Publicação de Dissertação com vertente em Projeto
Mestrado de Design Gráfico e Projetos Editoriais
Faculdade de Belas-Artes da Universidade do Porto
Concebido sob orientação de Mário Moura

Impressão por Fotomecânica Molográfica, S.A.
Criado com os tipos:
DGM Saffron & DGM Gleff por Giulia Boggio
Degheest Latitude por Ange Degheest, Eugénie Bidaut, Oriane Charvieux, Mandy Elbé, Luna Delabre, Camille Depalle, Justine Herbel, May Jolivet & Benjamin Gomez
Authentic Sans Condensed por Christina Janus & Desmond Wong
Nudles por Anne-Dauphine Borione & Max Lillo
DINdong por Clara Sambot

Edição de autor
Setembro de 2026